



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOÃO PEDRO TELES BORGES

A religião vista por quem não a tem

Uma leitura da *Religião para Ateus* de Alain de Botton

Dissertação Final

Sob a orientação de:

Doutor José Pedro Angélico

Porto

2014

Siglário

Sagrada Escritura

Antigo Testamento

Dt – Livro do Deuterónimo

Jb – Livro de Job

Sl – Livro dos Salmos

Sb – Livro da Sabedoria

Sir – Livro de Ben Sira

Novo Testamento

Mt – Evangelho de São Mateus

Lc – Evangelho de São Lucas

Jo – Evangelho de São João

Documentos da Igreja

LG – Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*

GS – Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo actual *Gaudium et Spes*

FR – Carta Encíclica *Fides et Ratio*

VD – Carta Encíclica *Verbum Domini*

RH – Carta Encíclica *Redemptor Hominis*

Introdução

Este trabalho tem como objectivo tratar a problemática de crentes e não crentes, bem como o estudo e a investigação sobre as religiões em geral, especialmente no que respeita ao cristianismo. Procuraremos também debruçar-nos sobre a realidade dos não crentes, de modo especial os ateus, a fim de podermos discernir até que ponto as suas teorias são ou não exactas e verídicas.

Se a religião é espiritualidade e humanismo, encontraremos também algo de semelhante na vida dos ateus?

“Poderá falar-se, sem contradição nos próprios termos, num humanismo ateu? E a provocatória pergunta tem a sua razão de ser, pese o facto de se reconhecer que há ateus que são verdadeiros santos laicos e que muitos descrentes levam uma vida muito mais evangélica que muitos cristãos”¹.

Abordaremos de uma forma especial a história das diferentes correntes ateias: o antropoteísmo de Feuerbach; o existencialismo de Sartre; a psicanálise de Freud; o positivismo de Comte; o materialismo de Marx; entre outras.

O ateísmo no pensamento pós-moderno será também objecto do nosso estudo, no qual tentaremos aprofundar a realidade do ateísmo face à teologia cristã. Assim, estudaremos também algumas partes menos luminosas do cristianismo, as quais são frequentemente objecto da maior crítica por parte dos ateus. Referimo-nos à Inquisição, ao 11 de Setembro, onde se evidencia o fundamentalismo islâmico, à guerra entre a Índia e o Paquistão que constituem algo de que os crentes (cristãos e outros) se podem envergonhar.

O livro, *Religião para Ateus*, de Alain de Botton e o seu estudo serão pontos de referência para quase todos os temas tratados, pois vários assuntos terão como referência o conteúdo deste livro. Deste modo, trataremos também o tema da secularização e das suas relações com o ateísmo, tendo presente o que nos diz o livro *Religião para Ateus* anteriormente citado. Queremos perceber como funciona a sociedade moderna face ao religioso em contraposição com o ateu.

Neste âmbito, tentaremos abordar de uma forma breve a maçonaria, procurando descobrir se existe influência da mesma, no referido livro.

¹ MARCELINO, Américo Joaquim, *O Julgamento de Deus: Darwinismo, fé e ateísmo*, Lisboa: Livraria Petrony Editores, 2010, p. 129.

Este trabalho inclui também uma visão crítica sobre o livro em questão, destacando os principais temas nele tratados que nos elucidam sobre a cultura à base da experiência, como viver em comunidade, a forma de educar, religião/secularidade, como superar o pessimismo, como a arte influencia a secularidade/religião e as vantagens das instituições religiosas perante a sociedade secular.

Na continuidade do nosso estudo e ainda com referência ao livro acima citado, tentaremos perceber se o ateísmo exclui ou não a fé e se, nesse sentido, será igual a descrença ou comportará também alguma espécie de crença.

Pretendemos, ao longo deste trabalho, descobrir ainda as vantagens ou desvantagens da prática religiosa, bem como a sua influência na vida humana.

“O diálogo entre crentes e ateus vai, claro, muito além das relações entre ciência e religião. Tal acontece quando está em causa o modo diferente de olhar a vida por pessoas que receberam o dom, ou graça, de acreditar no transcendente, quer dizer, a fé, e por outras que não o receberam”².

Serão as vantagens da religião também reconhecidas pelos não crentes? Ao longo do desenvolvimento desta reflexão procuraremos responder a esta questão.

No entanto, por mais que nos esforcemos por encontrar alguma resposta, não servirá para todos. Estou convicto de que haverá sempre crentes e não crentes, ateus e homens de fé.

² NOBRE, Bruno – LIND, Pedro, *Dois dedos de conversa sobre o dentro das coisas: um crente, um ateu e a verdade como provocação*, Braga: Editorial Frente e Verso, 2013, p. 19.

I Capítulo - A proximidade entre o aparentemente distante: Ateísmo e religião

1. Uma breve contextualização do fenómeno ateísta

O ateísmo é vulgarmente definido como descrença, distanciamento de Deus, negação de Deus ou ainda afirmação da doutrina ateia. Ao analisarmos a história do ateísmo e as correntes ateias, apercebemo-nos de que estas definições não são totalmente correctas. Por vezes o ateísmo, querendo-se afastar de Deus, acaba por se aproximar do transcendente.

A presença do ateísmo no mundo contemporâneo manifesta-se de forma quantitativa e qualitativa. No plano quantitativo, o ateísmo desejou construir um fenómeno de elites para se converter num movimento de massas. No plano qualitativo, não se apresenta como uma simples negação de Deus, mas como uma resposta ao problema do homem.

Existem, basicamente, dois grandes tipos de ateísmo: teórico e prático. O ateísmo teórico pode ser definido, numa primeira aproximação, como a doutrina que nega a existência de Deus. O ateísmo teórico vem definido, simetricamente, com a afirmação de Deus e não com o conhecimento do mesmo, em relação com a doutrina e não com uma atitude religiosa. Nesta perspectiva do ateísmo teórico, aborda-se a questão da negação de Deus. Negar Deus quer dizer afirmar que ele não existe. Ora isto implica duas coisas: “a) que el hombre posea un conocimiento de Dios, y b) que el hombre sea capaz de pronunciarse acerca del objecto «Dios», aunque este objecto sea metaempírico, y concluir que no existe”³.

O ateísmo prático vem numa linha um pouco diferente do ateísmo teórico, não se realça a negação de Deus, mas sim preocupa-se com a intervenção dele na conduta humana. “Según esta definición, que es la más corriente, la calificación de ateo práctico puede atribuirse a personas que afirman la existencia de Dios”⁴. Esta visão do ateísmo prático consiste portanto em viver como se Deus não existisse.

Na época moderna, distinguem-se duas formas de ateísmo: o ateísmo ilustrado e o contemporâneo. A primeira forma de ateísmo insiste nas razões da não existência de Deus e portanto vai contra todas as tentativas de demonstração dessa mesma existência. A segunda forma de ateísmo remete para o homem como ser absoluto e que, nessa medida, não precisa de Deus para nada. O que interessa, nesta forma de ateísmo, é que o homem perceba a sua

³ GIRARDI, Giulio, “Introducción”, in: GIRARDI, Giulio (coord.), *El ateísmo contemporáneo I: El ateísmo en la vida en la cultura contemporánea*, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971, Vol. I, Tomo I, p. 36.

⁴ *Ibid.*, p. 56.

autonomia. Nesta análise, a referência ao ateísmo contemporâneo pressupõe que tenhamos em conta personalidades que se destacam.

1.1 Ateísmo contemporâneo

Feuerbach⁵, que se dedica à crítica da religião e do cristianismo, remete a crença em Deus para três tendências.

Na primeira, o homem tende a pensar segundo as leis da razão, coerência e lógica. Na segunda, o homem tem consciência do bem e do mal e, por conseguinte, procura actuar segundo as leis da sua consciência. Na terceira e última, o homem tende a amar os outros.

Segundo este autor, a origem destas tendências está no ser humano, mas o homem atribui estas tendências a um ser absoluto e superior. Feuerbach defende: “El error del hombre religioso, según Feuerbach, está precisamente en atribuir a un ser no humano cualidades que son humanas”⁶. Assim sendo, a religião é inútil e nociva para o ser humano. A religião leva o homem ao desinteresse pela vida terrena e a não viver plenamente.

Neste sentido, afirma Feuerbach: “para el hombre religioso el servicio a los demás no es expresión de amor por ellos, sino un medio para merecer la recompensa de Dios: insinceridad y deshonestidad!”⁷.

Assim, a religião é uma alienação. Segundo Feuerbach, trata-se de um antropoteísmo, isto é, não se nega Deus, mas afirma-se que a humanidade é divina, pois nela estão presentes as tendências, referidas há pouco, características do ser humano. Feuerbach diz ainda que a religião, pelo menos a cristã, é a relação do homem consigo mesmo.

Marx foi particularmente influenciado por Feuerbach. Para Marx, a religião é uma alienação: “Para Marx la alienación señala más bien una situación en la que ha caído el hombre y de la que debe ser liberado”⁸.

A diferença entre Feuerbach e Marx é que o primeiro defende que a religião nasce de tendências humanas e Marx defende que a infelicidade do homem depende dos processos históricos. Para Marx, a religião não é mais do que o reflexo na consciência de uma situação real desordenada. Nasce da injustiça. O ateísmo em Marx aparece vinculado ao conceito de

⁵ Cf. FEUERBACH, Ludwig, *La esencia del cristianismo*, Salamanca: 1975, *apud*: MIANO, Vincenzo, “Ateísmo”, in: PACOMIO, L. – ARDUSSO, Fr. – FERRETTI, G. – GHIBERTI, G. – MOIOLI, G. – MOSSO, D. – PIANA G. – SERENTHA, L., *Diccionario Teológico Interdisciplinar*, Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982, Vol. I, p. 502.

⁶ MIANO, Vincenzo, *Art. Cit.*, p. 502

⁷ *Ibid.*, p. 502.

⁸ *Ibid.*, p. 503.

praxis, implicando que o próprio homem é *praxis* e trabalho, com o que se auto-cria sem necessidade alguma do transcendente. Marx encerra o homem dentro dos limites terrestres.

Na perspectiva filosófica de Nietzsche prevalece “el mito dionisiaco del superhombre que impone su voluntad de poder”⁹. O ateísmo é algo que existe por si, algo instintivo e não uma conversão, como acontece na religião. Sabe-se que na sua infância Nietzsche teve um fermento religioso, mas o seu contacto com correntes intelectuais da sua época, agnósticas, provocou a sua crise.

Ele considera que Deus só existe na consciência dos crentes. Ora, segundo ele, esta crença é alienante e impede o homem de se afirmar e ser livre. Deus representa para cada ser humano o ideal para o qual cada um tende e vive, só em virtude e em conformidade com esse ideal. “Este poder creativo del hombre – el superhombre – excluye toda a referencia a Dios”¹⁰. Demonstra ainda aqui a capacidade criativa e autónoma do ser humano. Nietzsche acaba por caracterizar a religião da seguinte forma: “es un crimen contra la vida; es también hipocresía (el hombre se busca sí mismo por intermedio de otro), es enemiga de la razón (sometida a la fe) y se vuelve fácilmente intolerante, por la pretensión de poseer la verdad”¹¹.

Sartre e o existencialismo não são mais do que um esforço por deduzir todas as coisas das suas consequências a partir de uma perspectiva ateia, o existencialismo neste caso. Segundo Sartre, não existindo Deus, é o homem que cria os valores e os põe em prática. Portanto, se a nossa liberdade é a única que dá sentido e valor às coisas, não é necessário um Deus transcendente.

Sartre acusa de má-fé os crentes que recorrem à razão, sem ter em conta que isto só tem valor aos olhos do homem. Segundo este filósofo, “si el mundo no ha sido creado por Dios, no es posible remontarse a Dios a partir del mundo”¹². Sendo assim, recorre à razão para excluir a existência de Deus criador. Por um lado, defende que a acção criadora é impossível, porque supunha que o criado sofresse a acção de Deus antes de existir, ou seja, um Deus subjectivo não pode conceber um mundo objectivo.

Sartre critica a ideia de criação contínua, porque afirma que a criatura é em si mesma nada. O argumento essencial usado por ele contra a existência de Deus é o seguinte: “La conciencia humana... tiende, según la terminología sartriana, a ser un en-sí-para-sí”¹³. Isto constitui precisamente um resumo contraditório em relação à ideia de Deus. O *para-si* pressupõe o *em-si*, mas constitui uma falta de ser, como negação do *em-si*.

⁹ *Ibid.*, p. 504.

¹⁰ *Ibid.*, p. 505.

¹¹ *Ibid.*, p. 505.

¹² *Ibid.*, p. 505.

¹³ *Ibid.*, p. 506.

Analisando agora a perspectiva de Sigmund Freud, percebemos que para ele a religião é uma espécie de neurose colectiva, isto é, a fixação que o homem tem pelo progenitor do sexo oposto, o que implica sentimento: “La religión es vista por Freud fundamentalmente como sentimiento”¹⁴. Nasce assim como compensação por muitos desejos frustrados da vida social. Para além desta explicação, Freud propõe outra, relacionada com a origem das primeiras crenças religiosas. Estas religiões comportam regras sagradas que Freud explica em relação com o pai, primitivo, assassinado pelos filhos. O sentimento de culpabilidade que os abrange leva-os a voltarem-se para um ser superior, celestial, um pai onipotente: “El cristianismo representa un intento más de resolver el sentimiento de culpa: Cristo, hijo de Dios hecho hombre, reconcilia con su muerte a los hijos con el padre”¹⁵.

Émile Durkheim crê encontrar a origem das crenças religiosas no estudo do totemismo, isto é, um animal cujo nome é comum a todo o clã. “El tótem, y lo que lo representa y hace referencia a él, es sagrado; todo lo sagrado tiene pues su fuente en lo sagrado, realidad impersonal que se impone primero a toda la tribu y luego a todos los hombres”¹⁶. Assim como o totemismo é produto de uma sociedade determinada, assim também as demais formas religiosas seriam função das características especiais de uma sociedade concreta. A experiência religiosa, no seu fundamento, é a mesma, mas renova-se continuamente alimentando-se da sociedade com a qual é solidária.

Claude Lévi-Strauss aplica o método do estruturalismo na antropologia e na etnologia. Este método pretende demonstrar a sociedade e as culturas a partir de um elemento primitivo, uma determinada cultura que une entre si os distintos elementos. Com a objectividade do real, fica excluída toda a referência à consciência e à liberdade, sendo a estrutura o único inteligível: “La religión por tanto, como cualquier otro elemento de cultura, es totalmente objetivada y relativizada respecto a la estructura; la postura religiosa-personal, libré y consciente, no tiene peso alguno”¹⁷.

Vamos falar agora no positivismo de Comte que acreditava ter-se superado a ideia de que o ateísmo pertencia a um estado metafísico. O neopositivismo, por sua vez, é bastante radical ao eliminar todo o problema metafísico. “Para los neopositivistas es de la máxima importancia la distinción entre proposiciones analítico-tautológicas, puramente formales... y proposiciones sintéticas o empíricas”¹⁸. O critério de sentido para estas últimas vem da verificação. Deste modo, em geral, todas as proposições metafísicas carecem de sentido, não

¹⁴ *Ibid.*, p. 507.

¹⁵ *Ibid.*, p. 507.

¹⁶ *Ibid.*, p. 508.

¹⁷ *Ibid.*, p. 509.

¹⁸ *Ibid.*, p. 509.

podem inventar nenhuma acção objectiva que possa demonstrar a sua verdade ou falsidade: “El neopositivismo no afirma que Dios existe, ni que Dios no existe, ya que tanto la afirmación como la negación, al ser inverificables, carecen de sentido”¹⁹.

1.2 Formas fundamentais do ateísmo

Na matriz humanista, que é uma forma de ateísmo, verifica-se uma antítese entre Deus e o homem, com a opção pelo homem: “Según este filón humanista, la «religión» ... es considerada como la alienación fundamental, la alienación metafísica”²⁰. Na perspectiva de Feuerbach, o homem é visto romanticamente como um ser com capacidades infinitas, portanto capacidades divinas. Este humanismo ateu adquire a forma de ateísmo religioso ou antropoteísmo. Na mesma linha, com o seu humanismo positivista, Marx retrata o homem como *praxis*, como autoconstrução: “el hombre es ante todo el homo oeconomicus”.²¹ A religião está em oposição com o materialismo humano e, portanto, é uma alienação. “El ateísmo adquiere aquí la forma de humanismo de la liberación de situaciones alienantes, que condicionan el surgir y perpetuarse de la religión”²². Esta forma de ateísmo humanista torna-se uma espécie de antiteísmo.

Como outra forma de ateísmo, temos, como é sabido, a de matriz científica, na qual se destaca o empirismo. Isto é, neste tipo de ateísmo, não se dispõe de outro conhecimento senão daquele que nos é dado pela experiência sensível. A impossibilidade de toda a metafísica, de toda a transcendência dá-se aqui como definitiva. “De cualquier forma, la explicación se mueve siempre a nivel fenoménico y en general llega a negar la especificidad del fenómeno religioso”²³. Já nesta perspectiva, ao contrário da forma humanista de ateísmo, não se pode falar de antiteísmo: a atitude fundamental é a da indiferença.

Tendo em conta estas duas matrizes, será que há uma unidade no ateísmo contemporâneo? Podemos dizer que as matrizes são diferentes mas também ambas têm pontos fundamentais em comum, como por exemplo o seu centro de interesse: o homem. A religião é vista como um feito humano, posta perante o tribunal da razão que deve julgar o seu valor. Neste aspecto, podemos enquadrar a afirmação de Christopher Hitchens: “A religião é

¹⁹ *Ibid.*, p. 509.

²⁰ *Ibid.*, p. 510.

²¹ *Ibid.*, p. 510.

²² *Ibid.*, p. 510.

²³ *Ibid.*, p. 511.

fabricada pelo homem”.²⁴ Em relação a esta questão, a constituição apostólica *Gaudium et Spes* refere o seguinte sobre o ateísmo sistemático:

“o ateísmo moderno apresenta muitas vezes uma forma sistemática, a qual, prescindindo de outros motivos, leva o desejo de autonomia do homem a um tal grau que constitui um obstáculo a qualquer dependência com relação a Deus. Os que professam tal ateísmo, pretendem que a liberdade consiste em ser o homem o seu próprio fim, autor único e demiurgo da sua história...”²⁵

O problema da verdade de Deus passa a ocupar um segundo lugar perante o problema da religião. A secularização como fenómeno e processo histórico de marginalização da religião favorece uma consideração específica do eco religioso no seu carácter empírico mediante as distintas ciências da religião. A mentalidade científica leva a considerar que “el hombre reflexiona sobre los misterios de la naturaleza del propio ser, está capacitado para resolver todos sus problemas. Dios y la religión no sirven para nada”²⁶.

1.3 Problemas suscitados pelo ateísmo contemporâneo

Hoje em dia pergunta-se o porquê da negação de Deus. Com o ateísmo são condenados o materialismo e o panteísmo. O ateísmo é considerado como uma forma dolorosa cujas causas é necessário descobrir, em relação com as formas que assume e também a estas há que dar uma resposta cristã. Ainda que a Igreja rejeite o ateísmo, na constituição apostólica *Gaudium et Spes*, o Vaticano II refere a necessidade de um diálogo entre religião e ateísmo: “Para os crentes, reclama a liberdade efectiva, que lhes permita edificar neste mundo também o templo de Deus. Quanto aos ateus, convida-os cortesmente a considerar com espírito aberto o Evangelho de Cristo”.²⁷

Para a religião, o fundamento da dignidade humana está em Deus. O ateísmo deve ser considerado como uma das realidades graves do nosso tempo e deve submeter-se a um exame atento. Por conseguinte, as formas que dão origem ao ateísmo são várias:

²⁴ CHRISTOPHER, Hitchens, *Deus não é grande. Como a religião envenena tudo*, Lisboa: Edições Dom Quixote, 2007, p. 24.

²⁵ GS, 20.

²⁶ MIANO, Vincenzo, *Art. Cit.*, p. 511.

²⁷ GS, 21.

“unos niegan expresamente la existencia de Dios; otros se contentan con decir que el hombre no puede afirmar nada absolutamente sobre él; otros plantean el problema de Dios con tal método que en la conclusión aparezca sin sentido (se alude, al parecer, al neopositivismo); el positivismo cientifista, al no admitir otro tipo de explicación que la de las ciencias positivas, excluye el que pueda hacerse un discurso «científico» sobre Dios”²⁸.

A civilização moderna, demasiado apegada às realidades terrenas, torna cada dia mais difícil o acesso a Deus. Fala-se ainda de duas formas de ateísmo sistemático: o marxismo e o existencialismo ateu.

A distinção entre o nível transcendental e categorial foi realizada por Rahner a propósito da salvação dos ateus. Na sua opinião, ao nível categorial aparente, há verdadeiros ateus que a nível transcendental são autênticos crentes. Quando um homem aceita livremente uma exigência ética absoluta ele é a nível transcendental, um crente verdadeiro.

“Só se o homem - a partir da análise das condições transcendentais do seu existir – for necessariamente induzido a buscar na história uma resposta ao problema que ele é pela sua liberdade, poderá a revelação de Deus no evento histórico de Jesus impor-se à atenção de cada homem como possível lugar de resposta”²⁹.

Johann Baptist Metz afirma a teoria de que o transcendental está presente e é expressão de uma determinada consciência sociocultural e portanto existe em cada homem. Segundo Cottiero, o espírito do homem está orientado para o amor a Deus. No entanto, há que ter em conta a cultura que altera por vezes a tradição religiosa. É necessário ter em conta a influência que a cultura pode ter sobre a inteligência do homem. Portanto, crê-se assim que há homens que se dizem ateus mas que no fundo não o são, porque permanecem abertos ao transcendente. Assim sendo, Rahner admite a possibilidade de um ateísmo transcendental.

Põe-se o problema da salvação ou não dos ateus. “Se trata de un problema diferente però íntimamente relacionado com el anterior: la opinión clásica tradicional mantenía que un hombre no puede ser radicalmente ateo *per longum tempus*, «de buena fe»”³⁰. Por outro lado, crê-se que a salvação é inseparável da não culpabilidade dos ateus. Também nos ateus opera a graça. Tratam-se, no entanto, de auxílios necessários à salvação que podem ser aceites ou recusados. A este respeito diz o concílio Vaticano II, na constituição dogmática *Lumen*

²⁸ MIANO, Vincenzo, *Art. Cit.*, p. 513.

²⁹ SEQUERI, Pierangelo, *A ideia da fé: tratado de teologia fundamental*, Braga: Editorial Frente e Verso, 2013, p.137.

³⁰ *Ibid.*, p. 514.

Gentium: “... nem a divina providência nega os auxílios necessários à salvação àqueles que, sem culpa, não chegaram ainda ao conhecimento explícito de Deus e se esforçam, não sem o auxílio da graça, por levar uma vida recta.”³¹

Por outro lado ainda no texto desta mesma constituição: “... não se poderiam salvar aqueles que, não ignorando ter sido a igreja católica fundada por Deus, por meio de Jesus Cristo, como necessária, contudo, ou não querem entrar nela ou nela não querem perseverar”³².

E continua ainda dizendo que as questões debatidas hoje, em relação com a salvação das religiões não cristãs, valem também para a salvação dos ateus. Salvação que não acontece sem uma fé salvífica e adesão a Cristo e à Igreja. Neste sentido, Karl Rahner

“intenta explicar que el teísmo trascendental (y eventual ateísmo categórico) puede llamarse «cristianismo implícito», es decir, que «la gracia sobrenatural gracias a la voluntad salvífica universal de Dios, eleva en el ateo de que hablamos el teísmo trascendental libremente aceptado»³³.

1.4 Uma resposta cristã

O Concilio Vaticano II reconhece a eventualidade de uma possível influência dos ateus relativamente aos crentes. É necessário, portanto, que os crentes reflitam sobre a imagem que eles estão a dar de Deus, pois a contestação ateia a isto obriga.

O ateísmo, na sua veracidade de ideias, nega a vocação essencial do ser humano. Por isso, não pode servir de antídoto para uma afirmação do pleno sentido de Deus. Perante esta exigência da purificação de Deus, a resposta ateia conduz à eliminação da religião em favor da fé. A própria teologia da secularização, mais do que levar a uma ideia de purificação de Deus, conduz à sua eliminação.

Perante a oposição ateia, por assim dizer, a religião tem uma “arma” fundamental de evangelização: a encarnação. Como podemos ver no ateísmo contemporâneo, este apresenta-se analogamente à fé, como um sistema de valores que quer dar sentido à própria existência, pelo que conduz assim à negação de Deus.

Esta negação remete-nos, não propriamente para uma concepção abstracta da religião, mas mais, particularmente, para o homem actual e conseqüentemente para os valores pelos quais ele rege a sua vida. A função do cristão, neste contexto, é a de procurar demonstrar que

³¹ GS, 16.

³² LG, 14.

³³ MIANO, Vincenzo, *Art. Cit.*, p. 516.

não é necessário negar Deus, para que o homem possa realizar os valores sobre os quais rege a sua vida.

A dificuldade de relação entre crentes e não crentes está no eco de uma autonomia das realidades temporais, que não é aquela segundo a qual o ser humano não depende de Deus e o homem pode dispor de tudo sem se relacionar com o Criador. Não existe portanto um humanismo comum a crentes e não crentes. Estas dificuldades não impedem que haja uma relação entre crentes e não crentes para a edificação deste mundo, no qual devem habitar em comum. No entanto é necessário que esta relação não comprometa os valores fundamentais.

É importante ainda referir que a falta de fé explica, no ateísmo, o impasse em que este se encontra, na hora de dar uma solução positiva aos enigmas da vida e da morte, da culpa e da dor, o que leva ao desespero de muitos e ao aumento, por exemplo, de suicídios em muitos países da Europa e não só. “La fe impugna al ateísmo la imposibilidad en que se encuentra a la hora de dar una solución satisfactoria a los «enigmas de la vida y de la muerte, de la culpa y del dolor», causa de la desesperación de muchos, del aumento por ejemplo de suicidios en algunos países”³⁴.

2. Novo Ateísmo

O novo ateísmo é uma nova forma de ateísmo que põe em questão muitos dos fenómenos que acontecem no mundo, atribuindo a culpa à religião.

Segundo Christopher Hitchens “Nós, ateus, não precisamos de padres, nem de qualquer hierarquia acima deles para policiar a nossa doutrina. Abominamos os sacrifícios e as cerimónias, bem como as relíquias e a adoração de imagens ou objectos”³⁵. A religião, frequente ou modernamente, nem sempre conduz a uma mudança comportamental ou moralmente orientada. Não raramente acontece o contrário. Ela não ajudou as pessoas a combater a escravatura, o racismo, mas pelo contrário muitas vezes contribuiu para o encorajar. Isto acontece mesmo actualmente, uma vez que há países onde ainda se pratica a escravatura. Christopher Hitchens defende, neste sentido, que: “em todos os países do mundo onde, hoje em dia, ainda se pratica a escravatura a justificação para essa prática é retirada do Alcorão”³⁶.

³⁴ *Ibid.*, p. 520.

³⁵ HITCHENS, Christopher, *Op. Cit.*, p. 19.

³⁶ *Ibid.*, p. 216.

“A probabilidade de a crença religiosa de alguém o levar a assumir uma posição contra a escravatura e o racismo era estatisticamente bastante reduzida. Mas a probabilidade de a crença religiosa de alguém o levar a encorajar a escravatura e o racismo era estatisticamente muitíssimo elevada”³⁷.

Com o desenvolvimento cultural e social, e a passagem da época medieval para a moderna, começa a surgir, com o Iluminismo, o pensamento baseado na razão e a justificação da origem do mundo e dos fenómenos com bases científicas e empiricamente demonstráveis.

É então que a maior parte das coisas passa a ser experimentada, procurando chegar-se a conclusões racionais sem ter que recorrer a explicações míticas. Acaba por dar origem a um desencantamento em relação ao religioso. Procura-se a inovação e o progresso. A religião, ficando agarrada ao passado, não caminha a par com a evolução científica e, portanto, esta torna-se um obstáculo à mesma, visto que a ciência procura justificar os fenómenos mundanos sem a intervenção divina.

Com o capitalismo, reforça-se a ânsia de poder e do lucro. O homem distancia-se da religião. Na actualidade passa-se a mesma situação:

“Muitos, ultrapassando indevidamente os limites das ciências positivas, ou pretendem explicar todas as coisas só com o recurso da ciência, ou, pelo contrário, já não admitem nenhuma verdade absoluta. Alguns exaltam de tal modo o homem, que a fé em Deus perde toda a força, e parecem mais inclinados a afirmar o homem do que a negar Deus”³⁸.

Neste sentido o novo ateísmo parece eliminar a religião. No entanto, este procura uma forma de dar sentido à instabilidade cultural e social que se vive na pós-modernidade. Há todavia duas partes neste novo ateísmo: a parte daqueles que dizem “não à religião” e a parte daqueles que procuram fazer do ateísmo uma espiritualidade.

Este novo ateísmo é desenvolvido por várias visões de filósofos como Sam Harris, Dawkins, Comte-Sponville, mas é particularmente marcado pela visão darwinista. O novo ateísmo traz consigo um desafio importante: repensar a religião. O ateísmo é o grande problema do nosso tempo face à religião. Com o desenvolvimento económico e com a sede de progresso por parte do homem, o ateísmo torna-se um problema que, com o passar do tempo, vai aumentando. Como fenómeno global e em larga expansão é uma realidade nova. Sendo assim, o ser humano tenta expressar a negação da existência de Deus. Contudo o ser humano

³⁷ *Ibid.*, pp. 215-216.

³⁸ GS, 19.

debate-se sempre com a possibilidade da existência de Deus. Por mais que investigue e que progrida no seu desenvolvimento, o ser humano necessita da presença de Deus.

“Quanto ao remédio para o ateísmo, ele há-de vir da conveniente exposição da doutrina e da vida íntegra da igreja e dos seus membros. Pois a igreja deve tornar presente e como que visível a Deus Pai e a seu filho encarnado, renovando-se e purificando-se continuamente sob a direcção do Espírito Santo. Isto há-de alcançar-se antes de mais com o testemunho de uma fé viva e adulta, educada de modo a poder perceber claramente e superar as dificuldades. Magnífico testemunho desta fé deram e continuam a dar inúmeros mártires”³⁹.

O Iluminismo potenciou a incredulidade e a secularização. O Iluminismo caracteriza-se pela razão como forma privilegiada de chegar à verdade e ao conhecimento. A humanidade, nesta perspectiva, pode chegar à verdade e ao conhecimento por si mesma. O Iluminismo procura a laicização da razão e do pensamento e considera como relativo tudo o que é religioso e fenómenos religiosos. A par do Iluminismo surge uma nova concepção sobre Deus: o deísmo. Na perspectiva desta corrente, Deus é o arquitecto que gera o mundo. Mas o que difere este deus do Deus cristão é que Ele é distante do homem e da sociedade. Portanto, neste Deus não há salvação nem redenção, porque a salvação vem da humanidade de Cristo. Foi necessário Deus fazer-se homem, em Cristo, para nos salvar. “Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente”⁴⁰. Os racionalistas modernos procuram separar a razão da fé cristã. No entanto razão e fé necessitam e convivem uma com a outra. Já dizia S. Tomás de Aquino, “A luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus, argumentava ele; por isso, não se podem contradizer entre si”⁴¹.

O ateísmo moderno acaba por ser, de alguma forma, um fruto do Iluminismo. Com o século XIX, aparecem as filosofias materialistas anticristãs.

2.1 Uma teologia cristã perante o novo ateísmo

As raízes do ateísmo moderno estão na emancipação da filosofia perante a religião e a teologia cristã. Com o “cogito ergo sum” de Descartes inicia-se um novo movimento filosófico que desenvolve uma forte oposição entre a fé e a razão. A racionalidade apresenta-se como uma maturidade cultural, em que o homem se torna um ser capaz de ser livre e

³⁹ GS, 21.

⁴⁰ GS, 22.

⁴¹ S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa contra gentiles*, I, VII, *apud*: FR 43.

autônomo. O homem por si consegue chegar à resolução dos problemas e fenómenos enigmáticos, sem a ajuda de Deus. O racionalismo e o empirismo levam assim, ao desenvolvimento e ao aumento do conflito entre a fé e a razão. Sendo assim, a descrença na época medieval, motivou o nascer da modernidade, com a sua grande autonomia. Este processo origina o fenómeno da secularização. Existiram, no entanto, grupos da parte da religião, assim como, da parte da ciência que procuraram unir uma reflexão entre fé e razão.

Da parte da teologia cristã, a Sagrada Escritura mostra-nos a união entre fé e razão, particularmente nos livros sapienciais: “Feliz o homem que se aplica à sabedoria e discorre com a sua inteligência; que medita em seu coração nos caminhos da sabedoria e penetra no conhecimento dos seus segredos”.⁴² Da mesma maneira que no Livro da Sabedoria se alerta para a importância desta: “a multidão dos sábios é a salvação do mundo e um rei sábio é o bem-estar do povo. Deixai-vos, pois instruir pelas minhas palavras e delas tirareis grande proveito”.⁴³ Que todo o ser humano deseja o conhecimento, é uma característica comum a todos os homens, quer ateus, quer religiosos. Uma ideia visível nos textos bíblicos é a profunda unidade entre o conhecimento da razão e o conhecimento da fé. Portanto, na Escritura não existe qualquer separação entre fé e razão: “Não há motivo para existir concorrência entre a razão e a fé: uma implica a outra, e cada qual tem o seu espaço próprio de realização”.⁴⁴

No final do século XIX surgem tensões, que alimentam a hostilidade entre religião e o avanço da ciência, porque a reacção da religião, foi em sua grande maioria, de condenação de tudo o que representasse mudança ou transformação da visão tradicional: “...A maior parte daquilo que consideramos sagrado só o é pela simples razão de assim ter sido considerado no passado”⁴⁵. No entanto, a razão não tem que ser necessariamente contrária à religião, mas pode ser na verdade complementar: “A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade...”⁴⁶

2.2 Alguns horrores da religião

⁴² Sir 14, 20-21.

⁴³ Sir 6, 24-25.

⁴⁴ FR, 17.

⁴⁵ HARRIS, Sam, *O fim da fé. Religião, terrorismo e o futuro da razão*, Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2007, p. 27.

⁴⁶ FR, *Benção*.

2.2.1 A Inquisição

Desde a antiguidade que se cometeram injustiças e surgiram guerras em nome da religião. A Inquisição, por exemplo, representou um dos mais graves problemas de toda a história da Igreja. Acerca da inquisição, Sam Harris refere que “nunca nenhuma outra instância atormentou tantos homens e mulheres normais por causa das suas crenças sobre Deus; nunca a subversão da razão foi tão completa ou as suas consequências tão terríveis”⁴⁷. Em nome da religião mataram-se e queimaram-se pessoas vivas, sujeitaram-se às maiores torturas que se possam imaginar. Por vezes, perante a violência da tortura, as pessoas chegavam a confessar culpas que não tinham. Eram inimagináveis as variedades de formas, de pressões e de massacres exercidos sobre os judeus, por exemplo.

Os autores destas formas de violência consideravam-se, a si próprios, os donos da verdade e actuavam sob o pretexto de salvarem as almas dos visados: “No intuito de salvar a sua alma, será colocado um braseiro de carvão por debaixo dos seus pés nus, tostando-os lentamente”⁴⁸. Todo este procedimento era baseado na Bíblia, traduzida e interpretada à letra: “Uma leitura literal do antigo testamento não só autoriza, como exige mesmo que os heréticos sejam mortos (...) quem imaginar que nada na bíblia justifica a inquisição terá apenas de a consultar para clarificar a sua visão do problema”⁴⁹.

Neste sentido convém esclarecer que a visão bíblica não pode ser interpretada à letra, mas sim entendida no contexto social, religioso, de tradições, de costumes de cada época, nela referida.

2.2.2 A situação dos Estados Unidos

Nos Estados Unidos deparamo-nos, ao longo da sua história, com judeus, católicos e até protestantes que eram proibidos de exercer determinados cargos em alguns estados. As palavras profanas contra a Santíssima Trindade eram passíveis de punição, tortura, ferros em brasa e até mortes sem a presença de um sacerdote: “Durante muitos anos, a política dos Estados Unidos para o médio oriente foi condicionada, pelo menos em parte, pelo interesse que os fundamentalistas cristãos tinham no futuro de um estado judaico”⁵⁰. Muitas vezes, ao invés de uma discussão racional sobre a melhor forma de resolver o fanatismo religioso, assiste-se ao ataque da guerra santa que voltava a invocar a imagem sangrenta dos cruzados.

⁴⁷ HARRIS, Sam, *Op. Cit.*, pp. 84-85.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 90.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 91.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 169.

“Os cristãos fundamentalistas apoiam Israel, porque acreditam que a consolidação final do poder judeu na terra santa – mais concretamente, a reconstrução do templo de Salomão – irá precipitar não só o segundo advento de Cristo, como a destruição final dos judeus”⁵¹.

Neste caso, a religião não anda muito distante do racismo. Christopher Hitchens, outra figura do novo ateísmo, em todos os casos que refere na sua obra *Deus não é grande*, defende que a religião foi um enorme multiplicador de desconfiança e ódio tribal, com membros de cada grupo a falarem sobre o outro com maior fanatismo e intolerância. Ainda hoje se torna presente esta situação: “com homens ainda desejosos de perseguir as pessoas por crimes como a profanação da hóstia ou da bruxaria”⁵². Isto remete-nos para o passado e, portanto, estamos ainda hoje a reviver esse passado.

2.2.3 As consequências da religião na saúde

Na saúde, a religião torna-se, muitas vezes, um factor de entrave e obstáculo na vida do ser humano, pois os doentes são vistos, frequentemente, de forma desprezível pela religião: “No Irão, um trabalhador com VIH-positivo pode perder o emprego, e médicos e hospitais têm o direito de recusar o tratamento a pacientes com Sida”⁵³. Como se pode verificar por este exemplo, a religião assume, por vezes, contornos de uma posição de aversão ao doente. Perante esta questão da saúde e da posição da religião perante ela, podemos tirar algumas conclusões. A primeira: a religião é fabricada, assim como as igrejas. Esta questão é demasiado óbvia para ser ignorada. Uma segunda ideia é aquela em que a ética e a moral são bastante independentes da fé e não podem derivar dela. Por fim uma terceira, em que a religião é vista não só como amoral, mas também imoral, porque reivindica uma dispensa divina para as suas práticas e crenças.

As religiões que surgem agora diante de nós oferecem consolo e solidariedade, como se estivessem a competir num mercado. No entanto no passado, estas mesmas religiões comportaram-se de forma bárbara e exigiram às pessoas aquilo que elas não podiam recusar. Isto basta olhar para as sociedades onde o clero tem o direito de impor as suas regras. Pode-se ver também na actualidade, o esforço que as religiões fazem para controlar a educação. Neste

⁵¹ *Ibid.*, p. 169.

⁵² *Ibid.*, p. 162.

⁵³ HITCHENS, Christopher, *Op. Cit.*, p. 62.

sentido, é horrível recordar as pessoas que no passado foram torturadas e deitadas para as chamas em discussões sobre a Trindade.

2.2.4 O 11 de Setembro

Na actualidade tem havido acontecimentos muito semelhantes, basta reportarmo-nos ao acontecimento da queda das torres gémeas, nos estados unidos, no 11 de Setembro. Trata-se de uma consequência gravíssima do fundamentalismo islâmico. Tal como nas estruturas antigas, também neste caso tratou-se de um massacre em massa. Os autores desta carnificina actuaram com a convicção de que seria o melhor futuro para eles, procurando alcançar o prémio que é devido a quem luta pela sua religião e pela verdade em que acreditam. Os que acreditam de outra forma crêem que os fundamentalistas devem ser torturados, dizimados e mortos. No entanto os agentes destas acções acham que estão a fazer bem, destruindo a vida de muitas pessoas e sua própria vida. Reconhecem-se assim como mártires pela sua fé, assemelhando-se assim aos cristãos que eram lançados às feras.

“Tendo em conta aquilo em que muitos de nós acreditam sobre as exigências da guerra ao terrorismo, a prática da tortura afigurar-se-ia, em certas circunstâncias, não só admissível como necessária. Ainda assim, isto não parece torná-la mais aceitável, em termos éticos, do que antes”⁵⁴.

2.2.5 A guerra entre a Índia e o Paquistão

A guerra entre a Índia e o Paquistão é a fonte de violência mais forte da história. Nela se cometeram atrocidades terríveis entre os indianos e paquistaneses, ao ponto de se sacrificarem vidas inocentes de uma forma cruel. Esta guerra tem sido causa de milhões de mortes só na última década, e tudo isto porque existem divergências entre as crenças religiosas dos dois países, isto é, o islamismo em termos religiosos é incompatível com o hinduísmo. Isto porque o islamismo é uma religião monoteísta, enquanto o hinduísmo é um conjunto de sistemas religiosos, uma religião politeísta.

“Na verdade, a única razão para que a Índia e o Paquistão sejam países diferentes é o facto de as crenças do Islão serem incompatíveis com as do hinduísmo. Do ponto de vista muçulmano é

⁵⁴ HARRIS, Sam, *Op. Cit.*, p. 219.

diffícil conceber uma maneira de ofender Alá que não tenha ainda sido perpetrada, todas as manhãs, por um qualquer hindu praticante”⁵⁵.

Sendo assim, este tipo de conflito entre estas duas religiões, que nasceu de uma adesão irracional ao mito, tem conduzido à maior destruição de vidas humanas e a uma tentativa de destruição mútua dos dois países.

“Mais de um milhão de pessoas morreram na orgia da chacina religiosa que se seguiu à separação da Índia e do Paquistão. Desde então, os dois países travaram três guerras oficiais, sofreram um contínuo derramamento de sangue na sua fronteira comum e estão agora prontos para se eliminarem mutuamente por meio de armas nucleares”⁵⁶.

Nas torturas cometidas durante estes conflitos chegavam a praticar-se actos tremendamente arrepiantes e inconcebíveis do ponto de vista racional. Estes actos têm por base a divergência de convicções entre indianos e paquistaneses no que toca à vida para além da morte. Nestes, as consequências eram desastrosas:

“As mães eram atravessadas por espadas diante dos seus filhos. As jovens eram amarradas e violadas em plena luz do dia, e depois (...) incendiadas. O ventre de uma jovem grávida foi rasgado, o feto foi erguido no ar na ponta de uma espada e atirado para um dos fogos que flamejavam pela cidade”⁵⁷.

Com isto não queremos dizer que só em nome da religião é que se praticaram actos violentos e abomináveis. Isto também aconteceu com os não crentes e com os ateus.

“Mas um pequeno exercício de imaginação facilmente nos mostra que um mundo sem religião alguma acaba por ser bem mais violento e cruel. Regimes oficialmente ateus, com os milhões de mortos provocados por Hitler ou Estaline dão bem a ideia da loucura a que pode chegar o ser humano, despido de um mínimo de ética religiosa”⁵⁸.

Podemos assim deduzir que o homem, desprovido de fé, pode também e sobretudo neste caso, tornar-se autor das maiores atrocidades.

⁵⁵ *Ibid.*, pp. 29-30.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 29.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 30.

⁵⁸ MARCELINO, Américo Joaquim, *Op. Cit.*, p. 172.

2.3 O darwinismo como ponto de partida para o novo ateísmo

O autor ateu Richard Dawkins é o exemplo de que, a partir do darwinismo, alguns autores ateus procuram refutar a ideia de uma inteligência criadora, de um ser divino que dá forma ao mundo. Para Dawkins, a fé em Deus é uma expressão irracional da razão, algo irracional que não é considerado pelo mesmo. Portanto a existência de Deus torna-se desnecessária e antiquada, pois ela só faz sentido numa sociedade atrasada e tradicionalista.

O darwinismo leva a um amadurecimento da consciência humana, já que atribui significado científico às coisas anteriormente explicadas pelo mito. Portanto a religião perde o seu sentido e fica ligada ao passado. A teoria darwinista descarta a ideia da existência de um motor ou um progenitor que dá origem a todas as coisas. Baseado nesta ideia, Dawkins considera que Deus não existe. O darwinismo configura-se assim como algo novo que mostra novas formas de se interpretar a vida, a sociedade e a religião. O diálogo entre a fé e o novo ateísmo pode ser benéfico e importante. Para Dawkins as religiões deviam deixar-se investigar pelas ciências modernas.

2.4 Uma análise cristã ao ateísmo pós-moderno

2.4.1 Uma aproximação entre ateísmo e cristianismo

Entre o ateísmo e a religião deve erguer-se o diálogo. Através do diálogo, ateísmo e religião não só se podem compreender como até, por vezes, completarem-se. Este diálogo não constitui uma renúncia à razão, nem ao religioso; é, antes pelo contrário, uma forma de comunicação do religioso com a razão e com o intelecto. Neste sentido o ateísmo tem um papel importante perante a religião. “O desafio do ateísmo deve dar novo vigor à fé: «Este encontro provoca-nos portanto a purificar a nossa fé, a torná-la mais sã, a esclarecê-la e também a aprofundá-la»”⁵⁹.

O novo ateísmo considera que a fé é concebida pelo homem e, portanto, deve ser assimilada por ele mesmo. Sendo assim, o ateísmo procura reduzir a fé à sua transcendência e ao puramente espiritual. A ciência e a razão, para o ateísmo, são importantes para o progresso da humanidade. Sendo assim, acabam por ter mais relevo do que o espiritual e o religioso.

⁵⁹ DE LUBAC, Henri, *Athéisme et sens de l'homme, une double requête de Gaudium et Spes*, Paris: Éditions du Cerf, 1968, p. 21, *apud*: GOMES, Vítor Franco, *Cristianismo e Humanismo. O Itinerário Teológico de Henri Lubac*, Porto: UCE (Coleção Humanística e Teológica), 2006, p. 137.

“Há uma verdadeira fé na ciência cuja missão é a de «assegurar a felicidade ou a grandeza da humanidade, o culto da investigação como o mais alto ideal que ela possa dar a si mesma»”⁶⁰.

O cristão convicto deve encarar o ateu de frente e sem receios, e, através da sua fé, dar testemunho e evangelizar. A resposta que a religião dá ao ateísmo não pode ser meramente racional mas tem que envolver também o espiritual. Apesar de, por vezes, vacilarmos na fé, não podemos deixar que a sua chama se apague perante o ateísmo. Portanto, o crente deve viver sempre segundo a fé no Deus libertador e dar testemunho.

A visão cristã no mundo actual deve ser positiva e nunca perder o seu horizonte de referência transcendente. Isto está presente nos documentos conciliares, particularmente na constituição apostólica *Gaudium et Spes*:

“Quanto ao remédio para o ateísmo, ele há-de vir da conveniente exposição da doutrina e da vida íntegra da Igreja e dos seus membros. Pois a Igreja deve tornar presente e como que visível a Deus Pai e a seu Filho encarnado, renovando-se e purificando-se continuamente sob a direcção do Espírito Santo. Isto há-de alcançar-se antes de mais, com o testemunho duma fé viva e adulta, educada de modo a poder perceber claramente e superar as dificuldades”⁶¹.

Ao contrário dos seus contemporâneos, André Comte-Sponville não é um acérrimo contestatário do cristianismo. Ele afirma mesmo que foi educado no cristianismo, durante a sua infância e adolescência, e não guarda ressentimentos nenhuns dessa fase da sua vida. Conserva até alguns valores que lhe foram transmitidos pela família: “Até meu modo de ser ateu permanece marcado por essa fé da minha infância e da minha adolescência”⁶². Sponville considera que a religião é imprescindível para a pessoa humana. Ele condena a falta de liberdade e o fanatismo, que privam o ser humano da possibilidade de escolhas livres ou de agir segundo a sua consciência, os quais são igualmente condenados pelo cristianismo. “Uma luta contra a religião? Seria enganar-se de adversário. Mas pela tolerância, pela laicidade, pela liberdade de crença e de descrença. O espírito não pertence a ninguém. A liberdade também não”⁶³. André Sponville destaca como valores importantes do iluminismo: a tolerância, o espírito humanista, o bem comum e o amor. Usa estes argumentos para seduzir e convencer as

⁶⁰ GOMES, Vítor Franco, *Op. Cit.*, p. 137.

⁶¹ GS, 21.

⁶² COMTE-SPONVILLE, André, *O Espírito do Ateísmo*, Brasil: Livraria Martins Fontes Editora, 2007, p. 9.

⁶³ *Ibid.*, p. 9.

peças à causa atea, argumentos, estes, que são considerados na religião cristã: “A espiritualidade é importante demais para que a abandonemos aos fundamentalistas”⁶⁴.

Por vezes pensamos que, por criticarem a religião, os ateus são pessoas desprovidas de valores. No entanto isso não se verifica, porque é nos ateus que estes valores devem ser tidos em conta e realçados: “Tenha-se ou não uma religião a moral continua sempre humanamente, valendo”⁶⁵. Ou ainda:

“Toda moral vem do passado: ela se arraiga na história, no caso da sociedade, e na infância, no caso do indivíduo. É que Freud chama de *superego*, que representa o passado da sociedade, dizia ele, assim como o *id* representa o passado da espécie. Isso não nos impede de criticar a moral dos nossos pais (de resto, a livre crítica faz parte dos valores que eles nos transmitiram), de inovar, de mudar; mas nós sabemos muito bem que só poderemos fazê-lo de forma válida apoiando-nos no que recebemos – que não se trata de abolir mas de cumprir, como dizem as Escrituras”⁶⁶.

Comte-Sponville considera que a questão de Deus e os argumentos sobre a sua possível existência devem ser tidos em conta na investigação científica. É neste ponto que o filósofo se aproxima da visão cristã. É aqui que se centra, o que ele considera, a dimensão espiritual do seu ateísmo. Por outro lado há autores que corroboram esta ideia, ao afirmar: “pluralismo e racionalização são com efeito terrenos férteis de ateísmo, mas são-no igualmente de amadurecimento religioso”⁶⁷. Claramente as ideias do ateísmo não são contrárias à religião, mas em última análise podem favorecer uma maturação e aprofundamento da mesma.

2.4.2 Uma crítica ao novo ateísmo

Como já referi várias vezes ao longo do trabalho, o ateu Richard Dawkins é um dos ateus mais influentes e convictos. É também considerado o mais popular de todos. Todavia, os seus argumentos, bem como os de todos os outros ateus, são bastante repetitivos e, analisados pormenorizadamente, contêm demasiados erros. No entanto, apesar de ser um dos mais influentes ateus, as suas teorias podem ser fortemente contestadas. Por vezes, os

⁶⁴ *Ibid.*, p. 10.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 31.

⁶⁶ *Ibid.*, pp. 31-32.

⁶⁷ DONDEYNE, A. – FRIES, H. – GRUMELI, A. – KOENIG, F. – MARLÉ, R. – MARTY, F. – MIANO, V. – RAHNER, K., *Ateísmo e Secularização*, São Paulo: Edições Paulinas, 1970, p. 47.

argumentos empregados, em vez de negarem o transcendente, acabam por confirmar isso mesmo: “De hecho, hacia la mitad del libro y tras dejar al descubierto los errores de Dawkins cuando intenta refutar la existencia de Dios, ofrecemos un tipo distinto de prueba de la existencia de Dios”⁶⁸.

Dawkins considera que o seu Deus é o acaso. Ora, por conseguinte, se o Deus é o acaso, é a total ausência de inteligência, de decisão. O que acontece por acaso, não é raciocinado nem pensado: “El motivo de esto es que los seres inteligentes pueden decidir de modo inteligente; el azar es la total ausencia de inteligencia, de decisión y (nos atrevemos a añadir) de capacidad de causar”⁶⁹.

Segundo Dawkins, sendo o universo obra do acaso, poderia ser eterno e neste caso o tempo não contava. Porém, como o universo tem um começo, não está, nem pode estar em consonância com o acaso:

“Así que si el Universo hubiese sido eterno, el tiempo no habría sido un problema, habría de sobra. Pero el hecho de que el Universo tenga un comienzo bien definido plantea grandes dificultades para la impía acción del azar. No tenemos toda una eternidad, solo tenemos trece mil millones y medio de años”⁷⁰.

Sendo Dawkins pouco racional, seguindo a razão só até um determinado ponto, acaba por se tornar reducionista cortando assim a possibilidade de compreender uma demonstração da existência de Deus. Portanto, sendo a natureza autónoma e capaz de subsistir por si mesma, não existem milagres.

Neste sentido reducionista, se a origem do universo se explica pelas leis materiais da natureza, a explicação materialista de Dawkins da evolução da inteligência, não nos pode dizer nem demonstrar como o próprio alcançou a inteligência necessária para fazer esta demonstração. Sendo assim, não serve também para demonstrar a evolução da inteligência divina. Este autor acaba assim por cair na sua própria “armadilha”, isto é, os seus argumentos acabam por ser contraditórios.

“... si resulta que su explicación reduccionista, puramente materialista, de la evolución de la inteligencia no puede decirnos como Dawkins ha alcanzado la inteligencia necesaria para hacer

⁶⁸ HAHN, Scott – WIKER, Benjamin, *Dawkins en observación: Una crítica al nuevo ateísmo*, Madrid: Ediciones Rialp, 2011, p. 20.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 40.

⁷⁰ *Ibid.*, pp. 41-42.

la demostración, entonces no sirve para demostrar nada en relación con la evolución de la Inteligencia Divina”⁷¹.

Ao contrário da religião, Dawkins considera que o aborto é aceitável, porque os fetos não sofrem como um ser humano. Ele defende que o feto humano se pode comparar ao de qualquer animal irracional, no mesmo estado de desenvolvimento, isto porque considera que o feto não tem o sistema nervoso suficientemente desenvolvido. Segundo ele, não há preferência dos seres humanos em relação aos animais.

“En efecto, ningún embrión, a la edad que sea, sufre más que el embrión de una vaca o una oveja en el mismo estadio de desarrollo. Y de hecho, afirma Dawkins, las vacas o las ovejas adultas que van al matadero sufren más que cualquier embrión, sea humano o no”⁷².

Sabemos claramente que o cristianismo considera que um feto é ser humano, a partir do momento da sua concepção no seio materno. Como tal deve ser preservado o dom da vida e a dignidade humana. A vida é o maior dom que Deus nos concedeu. Sem ele não teríamos capacidade de amar o ser humano ao ponto de preservar a sua existência.

“Com efeito, Deus senhor da vida, confiou aos homens, para que estes desempenhassem de um modo digno dos mesmos homens, o nobre encargo de conservar a vida. Esta deve, pois, ser salvaguardada, com extrema solícitude, desde o primeiro momento da concepção; o aborto e o infanticídio são crimes abomináveis ”⁷³.

3. Na perspectiva de Alain de Botton, há uma religião ateia ou uma crítica à secularização?

3.1 Uma nota sobre a secularização

A secularização é uma aceitação das condições do homem e do nosso tempo, abrindo mão da religião. É um afastamento, separação e emancipação do sentido fornecido pela fé cristã. Acaba por ser um conceito ambíguo, uma vez que tanto pode dar a entender um

⁷¹ *Ibid.*, p. 102.

⁷² *Ibid.*, p. 173.

⁷³ GS, 51.

afastamento total da religiosidade, como pode ter paralelos e aproximação com a mesma. Há quem diga também que implicaria o domínio da natureza pelo homem e partindo deste princípio, o mesmo não precisaria de religião. No mundo actual há uma evolução crescente da secularização, na nossa sociedade, pois parece que Deus está, muitas vezes, ausente da sociedade contemporânea:

“A secularização é um fenómeno humano como qualquer outro. Não possui em si mesma, nem um sentido inteiramente positivo, nem um sentido inteiramente negativo. É um fenómeno ambíguo que pode oferecer novas possibilidades, mas que constitui também um risco.

Não se pode negar, absolutamente falando, valor à nossa civilização, mas o processo de secularização vai chocar-se contra as formas tradicionais da vida religiosa”⁷⁴.

Mais à frente, os mesmos autores referem ainda que “a secularização pode ajudar a religiosidade e incitar-nos a encontrar uma linguagem nova para anunciar a boa nova ao homem secularizado”⁷⁵. Com o progresso técnico da nossa sociedade, com a informática e o avanço da ciência, a secularização ganha mais vigor. A ciência e a técnica acabam por valorizar a pessoa humana, não pelo que ela é, mas pelo que ela tem. Muitas vezes deparamo-nos com situações em que os que possuem uma grande quantidade de bens materiais ou conhecimentos têm um lugar na sociedade, ao contrário daqueles que têm menos bens e por vezes têm mais valores e vivem felizes.

“Somos criadores e vítimas do sistema social que valoriza o ter e não o ser, a estética e não o conteúdo, o consumo e não as ideias. No que depender de nós, devemos dar a nossa parcela de contribuição para gerar uma humanidade mais saudável”⁷⁶.

Naturalmente, a secularização preocupa a Igreja porque atinge muitos sectores da vida humana: família, comunidade, indivíduos, sociedade. Em consequência disso, o homem tornou-se egocêntrico, só, vazio e triste. Em contrapartida, quando se abre aos outros, sente-se feliz e realizado: “Sentir-se responsável pelos próprios irmãos significa perceber que aquilo que constitui a verdadeira grandeza do homem, aquilo que, em última análise, o distingue do

⁷⁴ DONDEYNE, A. – FRIES, H. – GRUMELI, A. – KOENIG, F. – MARLÉ, R. – MARTY, F. – MIANO, V. – RAHNER, K., *Op. Cit.*, p. 8.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 9

⁷⁶ CURY, Augusto, *Pais Brillhantes, Professores Fascinantes: como formar jovens felizes e inteligentes*, Cascais: Editora Pergaminho, 2006, p. 67.

animal, é a *razão ética*, mais que a razão científica ou a razão técnica”⁷⁷. O homem não deve viver para si mesmo. É um ser social e, ao contrário da secularização, a Igreja fomenta a vivência em comunidade e em sociedade. A vivência em comunidade e em conjunto com os seres humanos gera entreajuda e, por vezes, completa os nossos objectivos pessoais: “E por isso, o amor de Deus e do próximo é o primeiro e maior de todos os mandamentos”⁷⁸. Também Alain de Botton se refere à ideia de sociedade moderna, em que parece que se perdeu a noção de comunidade, uma vez que as pessoas só se aproximam por motivos de interesse pessoal e não com o sentido de criarem laços afectivos e vínculos duradouros.

“Uma das perdas que a sociedade moderna sente mais profundamente é a de uma sensação de comunidade. Temos tendência para imaginar que existiu em tempos um nível de boa vizinhança que foi substituído pela desumana anonimidade, um estado em que as pessoas estabelecem contacto umas com as outras acima de tudo com objectivos limitados e individualistas: o lucro financeiro, a promoção social ou o amor romântico”⁷⁹.

Na sociedade moderna, cada vez mais é notório um egocentrismo e individualismo crescente. Neste contexto, não há grande hipótese de encontros com fins de solidariedade e humanidade.

3.1.1 Secularização e fé

Na origem da secularização está a crise da fé. Há, portanto, uma concepção racionalista da fé e da revelação. A sociedade moderna tem-se virado cada vez mais para o materialismo e egocentrismo. O mundo encontra-se mergulhado numa cultura secularizada. Por vezes, o homem usa os seus conhecimentos técnicos, de uma forma errada, e isso leva-o a afastar-se de Deus. Perante esta situação, torna-se mais difícil a evangelização por parte da Igreja. O cristão deve estar inserido no meio do mundo e basear a sua fé na humanidade de Cristo. Deve ainda estar consciente da realidade que o envolve, para lhe poder dar respostas. “Uma resposta

⁷⁷ DONDEYNE, A. – FRIES, H. – GRUMELI, A. – KOENIG, F. – MARLÉ, R. – MARTY, F. – MIANO, V. – RAHNER, K., *Op. Cit.*, pp. 53-54.

⁷⁸ GS, 24.

⁷⁹ BOTTON, Alain de, *Religião para ateus: um guia para não crentes sobre as utilizações da religião*, Alfragide: Edições D. Quixote, 2012, p. 23.

errada consiste na atitude que, apelando para a fidelidade à fé, se fecha diante do mundo secularizado, não tomando dele suficiente conhecimento, quando o toma”⁸⁰.

Por outro lado, ainda mais errada será a posição do cristão que vê na secularização só o aspecto errado – o pecado. Pretende reprovar tudo em nome da sua fé. Ter consciência das realidades e tirar partido delas é meio caminho andado para as conseguir ultrapassar:

“Quem só é capaz de olhar quase ironicamente a secularização deveria, como consequência necessária, desejar a volta ao estado de (pré-secularização). Mas isso é não só anacrônico, mas até indesejável. Quem hoje avança tais ideias e apresenta semelhantes exigências em nome da fé em Deus, tem em muito pouca conta o quanto ele próprio vive de fato dos frutos e dos resultados da secularização”⁸¹.

Secularização e fé não são incompatíveis. Alain de Botton tenta esclarecer esta aproximação no seu livro *Religião para Ateus*. Há conceitos da vida da fé que podem ser aplicados aos problemas da sociedade secular, a qual muito beneficiaria dos mesmos em momentos de crise, de dúvida ou de sofrimento. O livro

“tenta efervescer os aspectos mais dogmáticos das religiões para incutir alguns aspectos delas que podem revelar-se oportunos e consoladores nas mentes contemporâneas céticas que enfrentam as crises e aflições da existência finita num planeta agitado. Espera salvar algumas das coisas que são belas, tocantes e sábias de tudo o que já não parece verdadeiro”⁸².

Perante o que foi dito depreendemos o valor da religião, na humanização da vida de cada um e na ajuda que pode ser prestada para ultrapassar dificuldades.

3.2 Será o ateísmo uma religião?

O ateísmo, pondo de parte a existência de Deus e a religião, pressupõe, no entanto, uma vida espiritual, uma alma, comunhão, fidelidade e amor.

⁸⁰ DONDEYNE, A. – FRIES, H. – GRUMELI, A. – KOENIG, F. – MARLÉ, R. – MARTY, F. – MIANO, V. – RAHNER, K., *Op. Cit.*, p. 85.

⁸¹ *Ibid.*, p. 86.

⁸² BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 20.

“O Espírito é uma coisa importante demais para ser abandonado aos padres, aos mulás ou aos espiritualistas. É a parte mais elevada do homem, ou antes, sua função mais elevada, que faz de nós outra coisa que um bicho, mais e melhor do que os animais que também somos”⁸³.

Para além disso, o ateu tem humanidade ao ponto de pensar, querer, acreditar, como acontece com um cristão ou um religioso. O facto de pensar, querer e imaginar faz com que esse espírito seja uma realidade e não uma hipótese. Quando se trata de espiritualidade há algo que nos impele para o ilimitado, para o infinito ou para a eternidade.

“Somos seres finitos abertos para o infinito [...]. Posso acrescentar seres efémeros, abertos para a eternidade; seres relativos, abertos para o absoluto. Essa abertura é o próprio espírito. A metafísica consiste em pensá-la; a espiritualidade, em experimentá-la, exercê-la, vivê-la”⁸⁴.

O filósofo Augusto Comte tentou, a seu modo, fazer nascer uma “religião” em que não existissem os defeitos das antigas religiões, especialmente do cristianismo, e em que pudesse enquadrar as vantagens da secularização. Esta religião seria a humanidade, que geraria os seres humanos e seria por eles gerada, constituindo o conjunto de todos os homens, benfeitores, mortos, vivos e não nascidos. Ele pretendia instituir uma religião positiva, que trouxesse as pessoas para o mundo real e observável, isto é, transformar o sagrado em secular. Desta forma anularia a religião como algo transcendente, pois rejeitaria a existência de um Deus longe da humanidade.

“... O auge da realização intelectual de Comte, foi uma nova religião, uma religião para ateus ou, como Comte lhe chamou, uma religião da humanidade, um credo original expressamente criado para as necessidades emocionais e intelectuais específicas do homem moderno”⁸⁵.

Comte tornou a sua religião num espaço secularizado, dispensou o “ser supremo” e, não dando morte à religião, sacralizou uma outra dimensão, constituída pelo próprio homem. Assim sendo, não só o homem era sacralizado, como também os fundamentos da religião e as suas funções sofriam uma secularização. “A solução proposta por Comte não foi, nem manter-se cegamente fiel às tradições sagradas, nem pô-las colectiva e beligerantemente de parte, mas antes identificar os seus aspectos mais relevantes e racionais e pô-los em prática”⁸⁶.

⁸³ COMTE-SPONVILLE, André, *Op. Cit.*, p. 127.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 129.

⁸⁵ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, pp. 293-294.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 293.

Augusto Comte quis aproveitar algo das religiões, por ele considerado bom, e com ele fundar uma religião que ele considerava mais perfeita.

3.3 Religião atea ou crítica à secularização

Tendo em conta que o ateísmo não é uma religião e que se pressupõe ser a secularização um abstrair-se da religião e ficar preso aos bens terrenos, importa agora saber se na perspectiva de Alain de Botton há uma crítica ou não à secularização ou uma religião atea.

Segundo o autor, o ateísmo não é uma religião, pois não se identifica com as instituições de carácter religioso. Apesar de Augusto Comte ter tentado compreender as religiões tradicionais e estudá-las de modo a serem adaptadas ao mundo moderno, Alain de Botton diz-nos que “o maior erro conceptual de Comte foi rotular o seu esquema como religião”⁸⁷. Encontramos ainda no mesmo autor uma consideração acerca dos que acreditam ou não no paraíso, que nos remete para o facto de o ateísmo não ser considerado uma religião, uma vez que os seus adeptos não acreditam nesta realidade. “Devíamos tentar adoptar a perspectiva perspicaz daqueles que acreditam no paraíso, mesmo que vivamos as nossas vidas segundo o preceito ateu fundamental de que este é o único mundo que jamais conheceremos”⁸⁸.

Alain de Botton no seu livro, *Religião para Ateus*, tem várias passagens que nos remetem para a crítica da secularização: “Desde a sua fundação, a religião tem mantido utilmente uma visão sóbria, algo que o mundo secular tem sido demasiado sentimental e cobarde para aceitar”⁸⁹. E mais adiante afirma: “têm sido os seculares com o seu desejo tão intenso de perfeição, a imaginar que o paraíso pode ser uma realidade nesta terra, depois de mais alguns anos de crescimento financeiro e pesquisa médica”⁹⁰.

O ser humano precisa de instituições que tenham uma estrutura de apoio, princípios, métodos e objectivos. O mundo secular foge um pouco a estas instituições, pois vê nelas uma perda da liberdade, da espontaneidade, da qualidade e da diversidade da pessoa humana. Mesmo quem não tem crença religiosa, precisa do convívio, da amizade, da comunhão, da gratidão, tendo em conta que dificilmente conseguiremos isso sozinhos: “Apesar de o mundo moderno nos encorajar a sentirmos as coisas espontaneamente e ao nosso ritmo, as religiões são mais sábias, ao colocarem datas nas nossas agendas”⁹¹.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 299.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 183.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 181.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 181.

⁹¹ *Ibid.*, p. 291.

As instituições religiosas têm vantagens sobre as empresas, uma vez que enquanto estas procuram resolver as necessidades físicas, materiais e exteriores aos seres humanos, as religiões procuram resolver os problemas e necessidades interiores e emocionais dos seus membros, tornando-se para eles um apoio muito forte nas horas e momentos mais difíceis.

“A grande diferença da religião é que, apesar de ter um poder colectivo comparável ao das empresas modernas que vendem sabonete e puré de batata, aborda precisamente as necessidades interiores que o mundo secular deixa para indivíduos desorganizados e vulneráveis”⁹².

O mundo secular pode proporcionar-nos formas de satisfazermos as nossas necessidades físicas, de uma forma muito confortável e prática, mas cinge-se sempre à dimensão material do homem. Por sua vez, a religião procura preencher as necessidades espirituais, isto é, tranquilizar a alma humana.

4. A possibilidade de uma influência maçónica na obra *Religião para Ateus*

4.1 Uma breve resenha acerca da Maçonaria

A criação da sociedade maçónica remonta aos inícios da Idade Média. Os primeiros elementos formaram os chamados *maçons*, embora se trate não de uma sociedade de profissionais, mas sim de ideologia.

Segundo o autor Luís de Matos, a maçonaria é considerada como uma escola de sabedoria e virtude. Os seus membros estão ligados entre si por ideais nobres, ideais de perfeição, embora possam divergir entre eles, já que são livres de adoptar religiões diferentes. Para além disso, livremente podem expressar o seu pensamento. Na sua prática, esta sociedade usa rituais, cerimónias e palavras secretas. Neste sentido pode ser considerada uma sociedade fechada, à qual não tem acesso qualquer tipo de pessoa: “Para ensinar a sabedoria e a virtude, a Maçonaria trabalha num Templo. As reuniões decorrem à porta fechada, em Loja, num espaço sagrado e protegido, no qual estão visíveis os símbolos e emblemas de cada grau”⁹³.

⁹² *Ibid.*, p. 274.

⁹³ MATOS, Luís de, *A Maçonaria desvendada: reconquistar a tradição*, Sintra: Edições e Actividades Culturais, 2010, p. 26.

Os utensílios utilizados pelos maçons são símbolos de medida, equilíbrio e harmonia, também utilizados por outras sociedades de pensamento. Trata-se de uma associação de homens esclarecidos, tendo como finalidade a felicidade do género humano. Este objectivo estaria desprovido de interesses políticos ou religiosos. “Uma associação de homens esclarecidos, não tendo outra preocupação se não a felicidade do género humano – fora de toda a preocupação religiosa e política – excluindo apenas o ser sem virtude”⁹⁴.

Esta sociedade, se assim a podemos chamar, não excluía a prática religiosa, antes pelo contrário há quem afirme que os maçons, pelo facto de entrarem na sociedade, não deixariam de praticar a religião do seu país. No entanto, baseavam a sua conduta numa união e amizade sincera entre todos.

As origens da maçonaria em Portugal remontam ao ano de 1727. Ao longo da história, ela foi perseguida pela Inquisição. De tal modo foi perseguida, que muitos membros adoptaram outros nomes que não os deles. Todavia muito trabalho se fez, por parte dos maçons, contra a Inquisição, ao ponto de acabar com esta. Em Portugal, a maçonaria era conhecida por irmandade. A ela estiveram ligados vários nomes conhecidos do nosso país, tais como Sebastião de Carvalho e Melo, que viria a ser o Marquês de Pombal e, mais tarde, Gomes Freire de Andrade, D. Tomás Xavier Lima, marquês de Ponte de Lima.

Em Portugal, após a revolução francesa, a maçonaria politizou-se à esquerda. Era constituída pela ala dos liberais. O país estava em crise e desorganizado: crise na indústria, no comércio e na agricultura, sendo a dívida pública assustadora. Este clima gerou um bom campo para o associativismo maçónico, de forma que teve um importante papel na conspiração de 1817: “Com Gomes Freire a maçonaria politizou-se notavelmente. Com alguma razão é comumente atribuído à maçonaria importante papel no acto da conspiração de 1817”⁹⁵. Todavia, esta associação formou-se independentemente das ideologias políticas e dos credos religiosos dos seus adeptos. Eles tinham em vista a Verdade, à luz da qual se diluíam todos os seus medos, os seus defeitos e os seus erros: “A Verdade irá expor as nossas fraquezas. Irá colocar à vista os nossos medos. A nossa vilanagem visceral. Quantos não preferem uma mentira piedosa à verdade que queima como fogo”⁹⁶.

⁹⁴ D’ASSAC, Jacques Ploncard, *O Segredo da Maçonaria*, Aveiro: Edição TIPAVE, 1984, p. 8.

⁹⁵ SILVA, Francisco Ribeiro, “Maçonaria e o liberalismo no Porto”, in: LÁZARO, Pedro Álvarez (coord.), *Maçonaria, Igreja e Liberalismo. (Actas da) Semana de Estudos da Faculdade de Teologia – Porto*, Porto/Madrid: Fundação Eng.º António de Almeida e UCP – Porto/ Universidad Pontificia de Comillas, 1996, p. 22.

⁹⁶ MATOS, Luís de, *Op. Cit.*, p. 28.

Muitos dos problemas que a maçonaria enfrenta hoje provêm da sua infidelidade a esta Verdade que cura as doenças e purifica, por isso se torna inevitável. O maçom é convidado e encorajado a conhecer, desejar e amar a sabedoria, a virtude e a verdade. Estes lemas de vida serão por ele praticados, quer na profissão, quer na convivência, sendo transportados para a sociedade em geral.

Outro dos conceitos a ter em conta é o *Mistério*, que é fundamental para a iniciação maçônica. O *Mistério* está para além dos limites da mente, mas pode ser usado como meio de ascensão da consciência. A *Demanda*, não é mais que uma caminhada e uma proposta de reflexão. Um exemplo disso é o triângulo e o algarismo 3 (símbolos), que estimulam à meditação. Esta simbologia conduz ao Grande Arquitecto do Universo, que irradia luz. É usada uma linguagem filosófica, religiosa e científica que permite interpretar os símbolos que ajudam a viver os Mistérios Antigos.

4.2 Maçonaria e a Religião

A maçonaria modernamente é considerada de origem judaico-cristã. Como tal os conceitos, corpo, alma e espírito fazem sentido no seu vocabulário e na formação do ser humano. O mundo e todas as realidades que envolvem a pessoa humana são vistos através da *Mente*. Trata-se de usar o cérebro como órgão físico, para trabalhar a mente. Tudo o que passa para além dos limites do cérebro é tido como transcendental.

Ser maçom implica professar uma religião. Não importa qual ela é, pois pode ser judaísmo, cristianismo, budismo ou protestantismo. A prática de uma religião tem no mínimo duas vantagens muito importantes para o maçom: em primeiro lugar, ajudar a organizar a sua vida, disciplinar os seus tempos de modo que no dia-a-dia haja lugar para a oração, reflexão e ida ao templo: “A prática de uma religião ajuda a ordenar a vida de um indivíduo, que deverá abrir tempos na sua rotina diária para o estudo, a oração e a frequência de um templo”⁹⁷. Em segundo lugar, a prática da religião, através dos seus mistérios, filosofia e espiritualidade põem nas mãos as bases necessárias para interpretar e compreender a maçonaria e os seus mistérios.

“O maçom dedicado notará rapidamente que a observância continuada de uma religião, tal como o treino básico para um atleta de alta competição, lhe dará as ferramentas intelectuais,

⁹⁷*Ibid.*, p. 102.

filosóficas e espirituais necessárias à perfeita compreensão da maçonaria e dos seus mistérios”⁹⁸.

A religião professada pelo maçom é da máxima importância, porque a maçonaria tem alegorias ao longo dos seus graus que são difíceis de interpretar. Através da religião o maçom encontra meios que o ajudam nessa tarefa. A prática de uma religião supõe determinadas condutas e rituais e vivência no seio de uma comunidade, com os mesmos valores e crenças. A Verdade dos maçons é o centro de toda a religião, seja ela mais ou menos próxima dos conceitos desta Verdade.

A maçonaria não é uma religião, nem está dependente de nenhuma religião. No entanto, a linguagem que ela usa é simbólica e alegórica. Sendo assim, quem entende a linguagem simbólica e alegórica da religião, está mais apto a entendê-la. As duas aproximam-se neste ponto: “ A maçonaria não se submete à religião nem é uma religião. Mas a sua linguagem simbólica e alegórica é destinada a quem compreende a linguagem simbólica e alegórica da religião”⁹⁹.

Há também quem diga que a maçonaria é um produto do protestantismo liberal e neste caso referimos uma afirmação de Fernando Pessoa, citado pelo autor Luis de Matos. Reportando-nos à análise histórica, vemos que a maçonaria é de raiz cristã, porque a sua linguagem simbólica é a do cristianismo. A sua geometria, arquitectura e engenharia, representam um conjunto de referências culturais e religiosas cristãs. A sua história e evolução de termos, lendas e rituais estão ligadas à história dos seus mecenas e protectores: as ordens monásticas medievais.

Segundo o autor Luis de Matos, a maçonaria não é católica, apostólica, romana, não é limitada por uma denominação de cristianismo, nem também é ortodoxa, nem anglicana, no entanto “é cristã no sentido mais lato, mais ecuménico e iniciático do termo. Num sentido ancestral que é útil conhecer. Sentido esse que tem raiz no significado profundo e velado do conceito de Cristo”¹⁰⁰. Para a maçonaria cristã, o ser cristão é a mesma coisa que ser humano no seu sentido mais profundo.

4.3 Influência da Maçonaria?

⁹⁸*Ibid.*, p. 102.

⁹⁹*Ibid.*, p. 105.

¹⁰⁰*Ibid.*, p. 146.

Se a maçonaria tem algo a ver com a religião, com a filosofia, com reflexão é algo que importa apurar.

Se na obra *Religião para Ateus*, se debate o problema religioso em todas as suas vertentes e se chega à conclusão de que a religião pode resolver muitos problemas da natureza humana é o que procuraremos ver.

Poderemos daqui tirar ilações que nos permitirão fazer alguns paralelos entre este livro e outros em que estudamos conceitos relativos à maçonaria: “ Muitos ateus têm-se oposto tanto ao conteúdo da fé religiosa, que se esqueceram de apreciar o seu objectivo global inspirador e ainda válido: proporcionar-nos um concelho bem estruturado sobre como vivermos as nossas vidas”¹⁰¹.

Encontramos algo de semelhante, embora com as devidas diferenças e distâncias, no livro de Luis de Matos sobre a *Maçonaria desvendada*, quando se refere à religião, pois ela “ajuda a compreender que as hierarquias que encontra na sua vida profissional, na sociedade em geral, na própria natureza (se estiver atento), existem igualmente na vida espiritual”¹⁰².

Continuando o nosso estudo, encontramos outras semelhanças entre a maçonaria e a obra do autor em estudo, “ uma evolução adequada da moral, da superstição para a razão, deveria significar o reconhecimento de nós próprios como autores dos nossos mandamentos morais”¹⁰³. Em semelhança a esta citação encontramos paralelamente em Luis de Matos, a *Maçonaria desvendada*, o seguinte: “aderir a uma espiritualidade implica apenas estar disposto a – no plano meramente individual – seguir determinados preceitos ou exercícios disciplinares, físicos, intelectuais ou meditativos, à escolha”¹⁰⁴.

A obra de Alain de Botton, em estudo, fala-nos da necessidade de centros para a restauração do nosso interior, educação do eu corpóreo e psicológico. “Precisamos de centros eficazes para a restauração dos nossos seres inteiros; de novos tipos de retiros dedicados à educação do nosso eu corpóreo, e do nosso eu psicológico, através de uma série de exercícios espirituais secularizados”¹⁰⁵.

No livro a *Maçonaria desvendada*, o autor remete-nos para a necessidade do uso de práticas e rituais religiosos, bem como o exercício espiritual.

“ Uma religião implica um sistema organizado, o qual obriga a determinadas condutas, rituais e hábitos, muitos destes no seio de uma comunidade que partilha os mesmos valores e sistema de

¹⁰¹ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 111.

¹⁰² MATOS, Luís de, *Op. Cit.*, p. 102.

¹⁰³ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 82.

¹⁰⁴ MATOS, Luís de, *Op. Cit.*, p. 100.

¹⁰⁵ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 156.

crenças. A religião liga o que está disperso. Obriga a um compromisso continuado de oração, leitura, reflexão e nova leitura”¹⁰⁶.

A religião é tão útil e importante para o ser humano que até os racionalistas, os ateus, os maçons, que parecem não ter nada a ver com ela, ou inclusive rejeitar a possibilidade da existência de Deus, admitem frequentemente que a mesma só traz benefícios para a pessoa humana, quer física, quer psicológica ou afectivamente.

¹⁰⁶ MATOS, Luís de, *Op. Cit.*, pp. 100-101.

Capítulo II – Análise crítica à obra *Religião para Ateus*

1. Cultura experiencial

No primeiro ponto deste capítulo, o autor refere-se à finalidade da obra e diz-nos claramente que esta obra é também, e, principalmente para pessoas que se julgam não crentes. “Este livro é para pessoas que são incapazes de acreditar em milagres, espíritos ou lendas de arbustos a arder”¹⁰⁷.

Embora os ateus digam que não acreditam em Deus, não conseguem provar a sua não existência, porque para isso implicitamente teriam que admitir a sua existência.

Por outro lado, são forçados a admitir algumas vantagens das religiões, bem como um certo respeito por rituais e conceitos religiosos. Seria mais difícil lidar com as frustrações da vida, o fracasso profissional, a morte das pessoas que nos são mais ligadas, se não tivéssemos religião.

O principal erro dos ateus é rejeitar estes aspectos importantes da fé. No entanto, há alguns que admitem Deus e invocam o seu nome: “Einstein invocou algumas vezes o nome de Deus (e não é o único cientista ateu a fazê-lo), provocando equívocos da parte de sobrenaturalistas ansiosos por o treslerem e reclamarem um tão distinto pensador como um dos seus”¹⁰⁸.

Numa resenha histórica sobre a sua vida, nomeadamente da sua infância, o autor fala-nos da sua crise de incredulidade aos 20 anos, visto que nasceu no seio de uma família atea. Por não acreditar na vida depois da morte, não tinha necessariamente que renunciar, a toda a cultura que lhe vinha da religião.

A sociedade não nos pode proporcionar determinados rituais, que nos ajudam a caminhar na vida. Trata-se de interpretar a religião (cristianismo, judaísmo e budismo) no sentido de encontrar conhecimentos que sejam úteis na vida secular de modo a enfrentar os desafios colocados pela comunidade e pelo sofrimento. O julgar-se descrente não invalida que se seja obrigado a renunciar a algumas partes mais interessantes e úteis da fé.

Esta fé de que falámos, não implica referência a uma religião específica, mas às religiões em geral e sua relação com o reino secular. As religiões em geral, cada uma à sua maneira e com os seus rituais próprios, têm contribuído para mudar o mundo, de uma forma que poucas instituições seculares conseguiram fazer. Elas têm proporcionado espantosos

¹⁰⁷ BOTTON, *Op. Cit.*, p. 13.

¹⁰⁸ DAWKINS, Richard, *Desilusão de Deus*, Alfragide: Editora Casa das Letras, 2011, p. 38.

movimentos educativos e intelectuais, dos mais bem-sucedidos de todos os tempos. Sendo assim, a religião ajuda o indivíduo

“a compreender que as hierarquias que encontra na sua vida profissional, na sociedade em geral, na própria natureza (se estiver atento), existem igualmente na vida espiritual, a qual não é regida por leis arbitrárias ou distintas em essência das leis mecânicas, das regras matemáticas e da fiabilidade cartesiana de um relógio de sol”¹⁰⁹.

O que importa, de facto, é examinar os aspectos da vida religiosa, que podem ser aplicados com êxito, nos problemas da nossa sociedade. Alguns pontos da mesma podem ser oportunos para as mentes descrentes que enfrentam crises e aflições nas suas vidas.

2. Viver em comunidade

2.1 Dificuldades de uma vida em comunidade

Todos temos alguma dificuldade em viver e interagir com os outros, dada a nossa tendência natural para o individualismo e egocentrismo: “As sociedades modernas tornaram-se um canteiro de pessoas que fogem de si mesmas. Estão sós no meio da multidão, nas escolas, nas empresas, nas famílias”¹¹⁰. A religião pode ajudar-nos muito a ultrapassar estas dificuldades, despertando em nós o sentido da solidariedade e da preocupação com os outros. O capitalismo também contribuiu para este afastamento das pessoas porque permitiu que cada um se bastasse a si próprio, evitando que a falta de bens materiais provocasse a aproximação das pessoas. Alain de Botton diz-nos “os historiadores sugeriram que começamos a ignorar os nossos vizinhos ao mesmo tempo que deixamos de honrar colectivamente os nossos deuses”¹¹¹ e, ainda, que “a caridade fazia parte integral da vida pré-moderna”¹¹².

As possíveis comunidades que a sociedade nos oferece são essencialmente baseadas nas relações profissionais, que nos levam a centrar-nos no trabalho, esquecendo quase tudo o resto. Por outro lado, as religiões, nomeadamente o cristianismo, dão-nos acesso a uma comunidade muito mais abrangente em que se podem incluir todas as pessoas sem olhar a bens materiais ou estatuto profissional ou familiar.

¹⁰⁹ MATOS, Luís de, *Op. Cit.*, p. 102.

¹¹⁰ CURY, Augusto, *Nunca desistas dos teus sonhos*, Cascais: Editora Pergaminho, 2005, p. 103.

¹¹¹ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, pp. 23-25.

¹¹² *Ibid.*, p. 26.

Nesta comunidade, aprendemos a amar os amigos, como amamos os nossos familiares. É ainda no seio desta comunidade, que os mais ricos ou influentes aprendem a colocar-se ao nível dos mais humildes e simples. Estes, por sua vez, não sentirão necessidade de títulos especiais, porque se sentirão tratados com dignidade e perderão, assim, todos os seus medos ou complexos: “A igreja estabelece condições sob as quais podemos renunciar de boa vontade à nossa ligação a classes e títulos”¹¹³.

O ponto central da religião cristã é a eucaristia: “A eucaristia contém tudo: o sentido da nossa existência, o seu lado doloroso e a sua bem-aventurança”¹¹⁴. Ela convida à reunião dos cristãos em grupo, encoraja a renúncia do orgulho e leva a crescer a amizade entre todos, pela partilha de medos e angústias. É símbolo de refeição, de congregação e de partilha. Ao invés das reuniões seculares, em que as pessoas saem conforme entraram, a eucaristia bem vivida torna-se uma oportunidade para alargar e aprofundar afectos. Nada melhor do que uma refeição em conjunto, para criar laços, para destruir muros e barreiras e curar o egoísmo, racismo, agressão, medo ou culpa.

2.2 Pedir perdão

O judaísmo possui uma forma muito adequada para combater os erros provocados por conflitos e desentendimentos entre os seus membros. Trata-se do dia da *expição* dos judeus, e que os mesmos levam muito a sério.

É a data em que revêem mentalmente todas as pessoas que magoaram com as suas atitudes. Isto é, aqueles a quem trataram de uma forma injusta e perante os quais se procuram redimir, rezando em conjunto na sinagoga e confessando perante eles as suas culpas. Esta atitude supõe uma compreensão e respeito pela diferença entre o humano e o divino. Por vezes sentimos tanta dificuldade em pedir perdão, embora arrependidos, porque a nossa culpa se torna intolerável. O dia da expiação facilita esta atitude, porque apresenta o erro como um mal geral, ao qual todos estamos sujeitos. A sociedade secular muito beneficiaria se adoptasse este sistema: “Uma pessoa inteligente aprende com os seus erros, uma pessoa sábia vai mais além, aprende com os erros dos outros”¹¹⁵.

No cristianismo também se encontra esta necessidade de perdoar e ser perdoado, apontada pelo próprio Cristo. No evangelho de S. Mateus: “Então, Pedro aproximou-se e perguntou-lhe: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até

¹¹³ *Ibid.*, p. 33.

¹¹⁴ RAHNER, Karl, *A eucaristia e os homens de hoje*, Apelação: Edições Paulinas, 1970, p. 41.

¹¹⁵ CURY, Augusto, *Filhos brilhantes, alunos fascinantes*, Cascais: Editora Pergaminho, 2006, p. 61.

sete vezes?». Jesus respondeu: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete»¹¹⁶. Este estado de espírito deve começar pelos que nos são mais próximos, pais, filhos, vizinhos e familiares. O reconhecer que a imperfeição e o erro são características da natureza humana pode levar-nos a reconhecer Deus (um ser especial, o único ser perfeito) a quem a necessidade de pedir perdão não existe.

As religiões possuem uma série de rituais colectivos, que têm em conta o indivíduo na sua interligação com o grupo. Trata-se de conciliar o indivíduo com o grupo. Nelas as nossas exigências egoístas podem ser ultrapassadas ou atenuadas, em favor da harmonia e da sobrevivência do grupo, a fim de que a sua estabilidade seja garantida.

Os judeus reuniam-se na sinagoga para rezar e praticar os seus rituais que conduziam a uma maior ligação entre eles: “Nela se cimentava a união, quer entre os judeus de uma mesma comunidade, quer entre as várias comunidades de uma dada religião e até do mundo inteiro, essa união foi a força máxima do judaísmo...”¹¹⁷. O grupo ou comunidade judaica servia também para ajudar os seus elementos a ultrapassarem a morte de um familiar ou uma pessoa mais íntima das suas relações, bem como outras situações, como a celebração do momento em que o rapaz entra na idade adulta ou a celebração do casamento: “As religiões são inteligentes ao não esperarem que consigamos lidar sozinhos com todas as nossas emoções”¹¹⁸.

O cristianismo medieval tinha ainda em conta a necessidade que o ser humano tem de, de vez em quando, quebrar a rotina, fugir da disciplina e das regras que lhe são inculcadas pela religião. Chamava a isso a festa dos tolos. Durante quatro dias os cristãos poderiam praticar actos que fugiam totalmente à ordem, contenção e seriedade. Trata-se de uma aceitação daquilo que no homem, nem sempre quer verdadeira comunidade, sobretudo de uma forma regrada e ordenada.

2.3 O contexto social em que se insere a ideia de comunidade

A sociedade civil ou secular propõe que cada cidadão deve viver como quer e em liberdade. Neste sentido, o estado tem, em princípio, para com as pessoas, uma ideologia liberal. O único entrave que se põe a uma sociedade civilizada é o mal feito a terceiros, contra a sua própria vontade. A política do estado, quer à direita quer à esquerda, tem sempre a

¹¹⁶ Mt 18, 21-22.

¹¹⁷ RICCIOTTI, Giuseppe, *Vida de Cristo* (com introdução crítica e ilustrações), Coimbra: Editora Casa do Castelo, 1963, p. 77.

¹¹⁸ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 61.

preocupação da liberdade máxima dos cidadãos e o receio maior de ser acusada de paternalismo.

Por sua vez as religiões sempre possuíram regras e directivas sobre o modo como os membros de uma comunidade se devem comportar uns com os outros. Por exemplo, o judaísmo, no seu código legal, possui leis semelhantes ao direito moderno, sobre não roubar, sobre quebra de contratos ou vinganças, durante a guerra: “Reunirás o povo, homens, mulheres e crianças, e o estrangeiro que estiver nas tuas cidades, a fim de que escutem, aprendam e reverenciem o Senhor, vosso Deus, e cumpram todas as palavras desta lei”¹¹⁹. Claro que as sociedades civis não concordam com estas regras, porque acham que constituem uma forma de mirrar a liberdade humana. Há determinados pormenores que devem manter-se sob a alçada da consciência individual.

Na sociedade mais restrita que é a família, e para regular as relações pais-filhos, podem porventura existir códigos bastante rígidos ou complexos acordos político-domésticos sem que os intervenientes sintam que há uma restrição demasiada da sua liberdade. Os adultos podem até concluir com ironia que também precisariam de quem lhes estabelecesse algumas regras que os salvassem das suas imperfeições ou erros. Sendo assim, “a verdadeira liberdade não significa que uma pessoa seja deixada completamente sozinha; deve ser compatível com domínio e orientação”¹²⁰. Pode estar aqui uma das causas de muitos fracassos dos casamentos modernos. A fé e a religião, com o seu conjunto de regras, podem contribuir para uma estabilidade da aliança matrimonial. Por outro lado, a sociedade civil, quando põe de parte a crença em Deus, acaba por ficar sem referências do que é bom e do que é mau.

Independentemente da crença ou não em Deus, continuamos a precisar de chamadas de atenção para sermos solidários e justos. A nossa aceitação, ou não, depende da forma como a exortação nos é oferecida, se é por pessoas que se julgam ou não detentores da verdade e da autoridade moral. A tradição judaico-cristã apercebeu-se de que todos nós somos pecadores, sujeitos a falhas que são características próprias da natureza humana: “Assumir a nossa tendência universal para o pecado, acaba por ser um ponto de partida melhor para darmos os primeiros passos no sentido da virtude”¹²¹. A religião encontrou formas de regular os erros considerados menos graves, porque podem, por vezes, ser tão maus para uma sociedade como um roubo ou assassinio. A primeira tentativa de controlar a agressividade do homem com o seu semelhante vem do antigo testamento, os dez mandamentos.

¹¹⁹ Dt 31, 12.

¹²⁰ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 78.

¹²¹ *Ibid.*, p. 83.

O cristianismo tem regras que para os homens livres são consideradas um entrave à liberdade humana. Mas, a ter isso em conta, que diremos nós da sociedade em geral que está constantemente a ser bombardeada com publicidade através dos meios de comunicação, cartazes e outras chamadas de atenção que influenciam terrivelmente os espíritos incautos? As crianças são as maiores vítimas desta publicidade, por não terem o seu espírito e a sua personalidade suficientemente desenvolvidos.

Se os ateus tendem a lamentar que a sociedade dominada pela religião tem que suportar muita propaganda é preciso que reflectam que, num estado livre, os cidadãos estão constantemente a ser influenciados pela sociedade de consumo. Numa verdadeira sociedade devia existir um equilíbrio entre os apelos ao consumo e o apelo aos bens espirituais de persistência, justiça, verdade, solidariedade e outros valores que contribuem para uma vida realizada e feliz.

A religião tem um papel muito importante, pois sabendo a facilidade que todo o ser tem de se deixar influenciar pelas pessoas com quem convive desde a sua infância, procura apresentar-nos modelos. É pois essencialmente em comunidade que se apresentam estes modelos, que foram pessoas consideradas como exemplos na sua vida. No cristianismo estes são considerados santos. A sua vida pautou-se pela justiça, pela verdade, pela caridade e pela sã doutrina. Estes seres são considerados os seres humanos mais grandiosos e virtuosos. São exemplos que podem ser seguidos nas nossas vidas e também mediadores entre Deus e os homens. Por isso são venerados e as suas imagens existem para os tornarem mais presentes nas nossas vidas.

“As relações entre os homens individuais e os povos devem estar determinadas, não pelo medo, mas pela caridade; pois é próprio da caridade, antes de tudo, levar os homens a um trabalho conjunto leal e múltiplo, do qual brotem tantos bens materiais e espirituais”¹²².

A sociedade secular faria bem em preparar os seus modelos e apresentá-los, porque poderia levar as pessoas a serem mais dignas e sérias sem contudo prejudicarem a sua liberdade. Esta não consiste em sermos sozinhos a fazer tudo o que quisermos.

¹²² HOFFNER, Joseph, *Cristianismo e sociedade: introdução à doutrina social da igreja*, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970, pp. 67-68.

3. Formas de educar: religião/secularidade

3.1 Como a educação religiosa pode influenciar a sociedade

A educação poderia ser uma das formas de transformar a sociedade secular. As universidades, para além de prepararem os alunos do ponto de vista cultural para exercerem uma profissão na vida, por exemplo, médico, advogado, economista, deveriam prepará-los para a sua realização pessoal e espiritual, tornando-se pessoas melhores e mais felizes. Ainda tinham o dever de exercer a sua acção na sociedade, de forma a tornarem o mundo melhor e mais feliz:

“... as reivindicações mais grandiosas, feitas em nome da educação, o género de reivindicações sobre as quais lemos em prospectos ou ouvimos falar em cerimónias de entrega de diplomas, tendem a ser que as faculdades e as universidades são mais que simples fábricas de formação de tecnocratas e industriais. A sugestão é que elas têm uma missão mais importante para cumprir: podem transformar-nos em pessoas melhores, mais sábias e mais felizes”¹²³.

As universidades têm a dupla missão de ensinar os alunos a ganhar a vida e a viver, mas normalmente descuram um pouco o segundo caso.

“Um bom professor educa os seus alunos para uma profissão, um professor fascinante educa-os para a vida. Os professores fascinantes são profissionais revolucionários. Ninguém sabe avaliar o seu poder, nem eles mesmos. Eles mudam paradigmas, transformam o destino de um povo e um sistema social sem armas, tão-somente por prepararem os seus alunos para a vida através do espectáculo das suas ideias”¹²⁴.

Nem a fé é contrária à cultura, nem a cultura será contrária à fé. Podemos encontrar nas igrejas e mosteiros grandes traços de cultura dos séculos passados e ainda as grandes obras de cultura, romances, livros que podem reforçar aspectos morais e éticos. No entanto, a religião pode proporcionar-nos meios e conselhos sobre como vivermos as nossas vidas de uma forma mais realizada e digna. Normalmente, ela tem em conta a nossa fragilidade e vulnerabilidade, o nosso medo da morte e sobretudo a nossa necessidade de Deus. Procura encontrar ideias consoladoras para as nossas perturbações ou ansiedades.

¹²³ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 102.

¹²⁴ CURY, Augusto, *Pais Brilhantes, Op. Cit.*, p. 80.

A educação secular exige, à partida, o bom senso e a calma que normalmente não temos. Reside aqui a principal diferença entre educação cristã e secular: “Poderíamos dizer que uma está preocupada em transmitir informações e outra em mudar as nossas vidas”¹²⁵. O cristianismo procura valorizar a psicologia do indivíduo transmitindo ideias claras e aplicadas à vida. A educação secular muito ganharia se, paralelamente, se dedicasse a resolver os dilemas pessoais e éticos.

A educação cristã tem em conta a facilidade com que esquecemos as coisas e tem encontrado meios para combater este facto, apelando à razão e à emoção. No entanto, na sociedade secular, defende-se que as pessoas são afectadas por conceitos mesmo que só os ouçam uma ou duas vezes.

Santo António foi um exemplo da oratória cristã. Para além de Santo António, os oradores cristãos, usavam palavras que chocavam e chamavam à atenção os seus ouvintes para que as gravassem nas suas mentes. Por exemplo: (a idade é uma doença e a juventude é uma emboscada), (nunca mandeis saber por quem o sino dobra; ele dobra por vós); bem como inquiriam os seus ouvintes frequentemente, a fim de os manterem atentos; (estão a ouvir-me? Pergunto, estão a ouvir-me?). Deste modo mantinham os espíritos e as mentes prontas a captarem ideais fundamentais que poderiam levar as suas vidas a transformarem-se. Eram também muito repetitivos.

“Para além de terem de ser transmitidas com eloquência, as ideias também têm de nos ser repetidas constantemente. Três, cinco ou dez vezes por dia, temos de ser energicamente recordados de verdades que amamos mas que, de outra forma, esqueceríamos. O que lemos às nove horas da manhã já esquecemos à hora do almoço e terá de ser relido ao anoitecer”¹²⁶.

As religiões têm, de facto, em conta esta necessidade repetitiva que o ser humano tem de fixar. O calendário litúrgico tem horários e tempos próprios para as orações, para reflexão, para encontros. Pelo contrário, a sociedade secular defende uma total liberdade e espontaneidade da pessoa humana para encontrar as ideias importantes, privilegiando a descoberta. A quantidade enorme de informações leva-nos a dispersar-nos e a esquecer tudo, embora na sociedade haja também horários de trabalho ou de estudo. Os grandes momentos de cultura, por exemplo, um livro, um filme, podem ser momentos de reflexão, mas facilmente esqueceremos tudo se virmos ou lermos uma única vez.

¹²⁵ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 115.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 132.

Os judeus têm o hábito da leitura dos cinco livros de Moisés, dois capítulos de cada vez, à segunda-feira e quinta e fazem isso, contínua e repetitivamente, desde o cativeiro da Babilónia. As religiões não têm necessidade de alterar conhecimentos. Os valores que elas defendem são imutáveis: a solidariedade, a verdade, a justiça, a paz, a compreensão. Os seus conceitos são verdades estáveis que podem ser escritas ou esculpidas, guardadas e transmitidas de geração em geração.

Por outro lado, os conceitos seculares estão em constante transformação. Somos frequentemente bombardeados por notícias de toda a ordem que nos deixam confusos perdendo, por vezes, a oportunidade de lembrarmos verdades mais serenas que até conhecemos, mas nos esquecemos de incluir na prática das nossas vidas. Uma destas verdades mais serenas é a existência de Deus e a sua ligação com o ser humano: “Se medito até ao fim, sem me contentar com meias verdades, no que implica esta experiência e cumpro todas as exigências que ela implica, descobrirei a deidade e a divindade, e sentir-me-ei fundamentado ultimamente por elas”¹²⁷.

Hoje em dia, muito mais que antigamente, temos oportunidade de ler imensos livros, mas certamente não aprofundaremos tanto os nossos conhecimentos, uma vez que nos falta a leitura repetida, sistemática e meditada dos poucos livros que havia nos primeiros séculos. Os rituais religiosos também acentuam e influenciam o comportamento humano sublinhando, de uma forma corpórea, os conhecimentos transmitidos pelos livros. O físico influencia o espiritual. Mais uma vez a religião compreende a psicologia humana, ligando no homem a parte física com a parte espiritual. Os retiros espirituais em que se descansa o corpo ao mesmo tempo que se treina o espírito, não têm nada que se assemelhe na vida secular, porque a tônica dominante desta é apenas o repouso físico e diversão, que não satisfaz totalmente a pessoa humana: “Porém, a ênfase está sempre na saciação física e na diversão mental, em vez de se centrar no verdadeiro preenchimento das necessidades das nossas almas”¹²⁸.

As religiões, cada uma à sua maneira, privilegiam de forma especial o desenvolvimento da espiritualidade, mas com a totalidade do ser. O budismo, nos seus rituais, privilegia o corpo, a forma de sentar, a atenção centrada na respiração e outros de uma forma que ao impor controlo físico liberta o espírito para facilitar a reflexão e o domínio do eu. Se é certo que a nossa ansiedade provém do estado psicológico em que nos encontramos, nunca as formas de lazer modernas darão resposta ao nosso físico, sem apaziguar as nossas mentes:

¹²⁷ Cf. LÓPEZ QUINTAS, A., “Zubiri y la crisis del hombre actual”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 41 (1985) 317-320, *apud*: TEIXEIRA, João António Pinheiro, *A finitude do infinito: o itinerário teológico do homem em Xavier Zubiri*, Lisboa: UCE, 2007, p. 148.

¹²⁸ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 146.

“Precisamos de centros eficazes para a restauração dos nossos seres inteiros; de novos tipos de retiros dedicados à educação, do nosso eu corpóreo e do nosso eu psicológico, através de uma série de exercícios espirituais secularizados”¹²⁹.

3.2 Educar para o conhecimento

O conhecimento implica experiência, mas a experiência às vezes leva-nos a cometer erros. A sabedoria consiste em aprender a evitar os erros. Isto acontece tanto nos conhecimentos que nos vêm da ciência e da técnica, como nos que advêm da parte espiritual. A cultura pode estar ao serviço da nossa psicologia e espiritualidade, embora nunca possa substituí-la:

“Enquanto compreensão da revelação, a teologia, nas sucessivas épocas históricas, sempre sentiu como dever próprio escutar as solicitações das várias culturas, para permeá-las depois, através de uma coerente conceptualização, com o conteúdo da fé. Também hoje lhe compete uma dupla tarefa. Por um lado, deve cumprir a missão que o Concílio Vaticano II lhe confiou: renovar as suas metodologias, tendo em vista um serviço mais eficaz à evangelização”¹³⁰.

A cultura poderia estar ao serviço dos nossos sofrimentos ou das nossas emoções, todavia não há nenhuma instituição sem ser de carácter religioso que nos ensine a arte de bem viver. A ética e a moral não podem ser objecto de investigações laboratoriais. Elas são dirigidas ao ser humano simples e frágil. Apontam caminhos, com o objectivo de tornar o ser humano melhor e mais são de espírito.

As religiões têm também um conhecimento bastante correcto do ser humano ao sentirem que este precisa de ensinamentos durante toda a sua vida, períodos de reflexão que podem levar a uma mudança da mesma, quando detectados determinados erros. Muito ganharia a sociedade em geral se tivesse em conta estas realidades. O objectivo principal é o aperfeiçoamento da pessoa, de modo a evitar erros que porventura tenha cometido.

A prática do cristianismo supõe um ambiente de aceitação, compreensão e tranquilidade à luz do qual podemos repensar as nossas atitudes, os nossos erros, para os corrigirmos. Não se trata de saber se existe Deus ou a Virgem Maria, mas de nos concentrarmos nas nossas necessidades emocionais e espirituais, que nos levaram a inventá-los e no que (acontece) nos fica a faltar, quando perdemos a fé.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 156.

¹³⁰ FR, 92.

O culto da Virgem Maria revela-nos como podemos considerar-nos eternamente crianças, embora com raciocínio de adultos, mas sentindo-nos desamparados perante os dramas da vida. Também neste ponto a religião soube interpretar a psique humana. Os católicos apelam a Maria, porque encontram nela o símbolo da bondade e compreensão que os faz ultrapassar os momentos difíceis. O ateísmo, pelo contrário, não comporta o culto a Maria e interpreta-o como necessidade de que os adultos se devam libertar, pois supõe uma certa infantilidade.

No entanto, negar essas necessidades da infância que podem ter levado os cristãos a procurar o sobrenatural, é negar também a fragilidade humana que é inerente à vida de todos nós: “No seu zelo para atacar os crentes, cujas fragilidades os levaram a abraçar o sobrenatural, os ateus podem negligenciar a fragilidade, que é uma característica inevitável das vidas de todos nós”¹³¹. Só um orgulhoso e presunçoso pode negar as suas fraquezas. O cristão convicto aceita-as e tenta suplantá-las com a sua fé. A religião ajuda-nos nesta tarefa de ultrapassarmos os momentos de crise, medo, desespero, pedindo ajuda a alguém.

Por vezes, ao contemplar as imagens dos santos, retratadas pela arte e arquitectura, encontramos rostos que nos transmitem paz e serenidade. A imagem de Maria pode, eventualmente, levar, ou não, os ateus ao reconhecimento de que também eles são vulneráveis e podem aprender a superar essas fragilidades ou pessimismos, se tomarem consciência do seu lado mais natural e imaturo.

4. Superar o pessimismo

Há pessimistas cristãos, como Agostinho, Lutero e Pascal, que acham que a natureza é perversa, desprezível, indigna da humanidade. O amor é uma quimera; a grandeza do homem vem de saber que é vil. Alain de Botton diz que ler Pascal não é tão deprimente para quem se encontra em situação desesperante, porque pode até sentir nisso alguma consolação.

O ser humano é tão complexo que normalmente não fica tão deprimido com a negatividade, mas sim com a esperança, por vezes, ilusória que deposita na carreira, nos amigos, nos filhos ou nos políticos. As suas aspirações são tão grandiosas e elevadas que se torna difícil concretizá-las e deste modo criam o desapontamento que provoca a frustração e amargura: “Quando a fé se retira, não encontramos mais que um mundo vazio e vão, sem valor, sem sabor, sem importância...”¹³².

¹³¹ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 171.

¹³² COMTE-SPONVILLE, André, *Op. Cit.*, p. 188.

O mundo moderno é mais voltado para o optimismo. O avanço da ciência e da técnica, a evolução dos materiais arrancaram o homem do pessimismo em que vivia. Porém, apesar de todo esse desenvolvimento tecnológico e dos meios e facilidades a que tem acesso, o homem está sujeito à condição do seu ser vulnerável: acidente, desgosto, ansiedade ou morte. O cristianismo é a instituição da esperança. Todavia esta esperança está centrada na próxima vida e num mundo muito para além deste. As esperanças do cristão não radicam num mundo falível e corrupto.

A sociedade secular acaba por ser mais optimista com o seu desejo de perfeição, imaginando que o paraíso pode ser uma realidade na terra, depois do crescimento financeiro e estudos médicos, com que ela almeja curar os males da humanidade: “Devíamos tentar adoptar a perspectiva perspicaz daqueles que acreditam no paraíso, mesmo que vivamos as nossas vidas segundo o preceito ateu fundamental que este é o único mundo que jamais conheceremos”¹³³.

O pessimismo é algo notório nos casamentos, especialmente os de ordem secular, uma vez que no casamento cristão ou judaico as dissensões e contendas dentro do casamento decorrem de acordo com o plano. Partindo do princípio que os homens não são seres perfeitos nem divinos, mas humanos, estão sujeitos continuamente a erros e imperfeições dignos de perdão e paciência. No entanto o termos consciência das frustrações da vida e das realidades difíceis, pode levar-nos mais vezes a agradecer o que ainda temos de bom. O judaísmo privilegia muito esta atitude de gratidão por cada acontecimento marcante na sua vida.

A religião tem esta importância, a de os praticantes se poderem voltar para Deus, tanto em atitude de agradecimento como de súplica, pois estes sem Deus ficariam no desespero e no vazio: “Se removermos Deus desta equação, que é que nos resta? Humanos aos berros a apelar em vão a um céu vazio”¹³⁴. Existe o sentimento reconfortante de que nenhum dos praticantes está sozinho, com os seus problemas e lamentações.

O livro de Job remete-nos para uma situação em que acontecem coisas tão catastróficas a uma pessoa tão boa, que pode ser considerado incompreensível. Não só um ateu, mas até uma pessoa considerada justa, pode interpretar como castigo tudo o que aconteceu a Job:

“Bildad de Chua tomou a palavra e disse: «Até quando dirás semelhantes coisas? As palavras da tua boca são como um furacão. Acaso tornará Deus torto o que é direito, e o Todo-poderoso

¹³³ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 183.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 187.

subverterá a justiça? Se os teus filhos pecaram contra Ele, Ele entregou-os ao poder da sua iniquidade»¹³⁵.

O próprio Job considerou-se abandonado por Deus ao constatar todas as tribulações de que foi alvo: a morte dos seus animais, dos filhos e as feridas que lhe apareceram pelo corpo. Ele não consegue compreender que, tendo procurado ser sempre um homem justo, lhe tenham acontecido todas estas desgraças: “Ele sabe que não pecou. Então, porque é que foi atormentado por estes problemas? Porque é que Deus o abandonou? Será que Deus existe?”¹³⁶.

Deus não deu directamente resposta a Job sobre estas interrogações, mas chamou à atenção para a ignorância dos homens acerca dos Seus desígnios. Não são os homens que controlam o universo, e muito pouco sabem das coisas, por isso a sua lógica será sempre imperfeita. Os acontecimentos da vida de Job, por muito importantes que sejam, serão sempre muito pequenos perante a imensidão e a variedade da natureza. Perante a grandeza do universo e os mistérios do espaço, só nos resta uma atitude de respeito: “Ele fez grandes e insondáveis maravilhas, prodígios incalculáveis. Passa diante de mim e eu não o vejo, afasta-se de mim e não me apercebo”¹³⁷.

Perante esta situação não podemos dizer que Deus estava totalmente alheio à vida de Job. Nem sempre as coisas más que nos acontecem serão um castigo ou uma consequência da ira de Deus. Quantas vezes, nas nossas vidas, um mal que nos acontece não pode ter como consequência algo de melhor? Quantas vezes as pessoas, por falta de resultados positivos no seu trabalho, desanimam e sentem vontade de cruzar os braços?

“Há pessoas que, perante as dificuldades, ou julgando negativos os resultados dos trabalhos iniciais no campo ecuménico, teriam preferido voltar atrás. Nem falta quem seja de opinião de que tais esforços são nocivos à causa do Evangelho e levam a ulterior cisão na igreja, provocam a confusão de ideias em questões de fé e moral e vão desembocar num específico indiferentismo”¹³⁸.

Porém, não é este o caminho a seguir. Um outro judeu, de nome Baruch de Espinosa, convida-nos a sairmos de nós mesmos e a submeter-nos às leis do universo. Esta é uma linha semelhante àquela em que Deus aconselha Job: as suas humilhações seriam insignificantes

¹³⁵ Jb 8, 1-4.

¹³⁶ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 193.

¹³⁷ Jb 9, 10-11.

¹³⁸ RH, 6.

vistas à luz da onipotência do transcendente. Quando a sociedade vive à margem de Deus, nada lhe faz lembrar estas realidades e então não está preparada para enfrentar as adversidades e eventuais humilhações. Nesta sociedade o homem ocupa o centro e, como se julga senhor do seu destino, esquece os ritmos do planeta, maltrata a natureza e não valoriza o mistério e o transcendente.

A religião tem a vantagem de trazer o homem à realidade. Encarrega-se de o fazer lembrar constantemente das realidades que estão para além do mesmo, através da oração e outros rituais: “Acima de tudo, a religião é um símbolo do que nos ultrapassa e uma pedagogia sobre as vantagens de reconhecermos a nossa insignificância”¹³⁹.

A sociedade secular não tem esta faceta de apelar ao ser humano a sair do que é material e reavaliar a sua vida através de horizontes maiores e mais universais. A evolução tecnológica leva o homem a centrar-se nele próprio, quando poderia partir do avanço científico para reconhecer que há coisas que nunca dominaremos.

5. A arte: secularidade/religião

No mundo secular, os museus e as universidades pretendem ser um substituto das igrejas, no que diz respeito à cultura e arte sacra. Há alguns ateus que reconhecem isto e outros que reconhecem o valor das igrejas e monumentos religiosos, como transmissores de arte e cultura e lhes custa a abdicar destes valores. Embora, por vezes, museus e igrejas tenham algo em comum há também uma grande diferença na forma como apresentam os objectos de arte ao público, na sua importância e finalidade: “Apesar de nos exporem a objectos de genuína importância, os museus parecem incapazes de os associar adequadamente às necessidades das nossas almas”¹⁴⁰. Enquanto o museu apresenta a arte apenas pelo que representa em si própria e por si própria, o cristianismo não nos deixa dúvidas sobre como a arte pode representar um meio de nos recordar daquilo que é mais importante.

Já atrás falámos de como o ser humano é, por natureza, esquecido e de como a religião, na sua psicologia, tem isso em conta. Sendo assim, as imagens têm uma dupla função: admirarmos a sua beleza artística e recordarmos aquilo que elas representam e para o que nos apelam. Então teríamos, por exemplo, uma imagem da Virgem ou dos Santos ou de Cristo que, para além da admiração do escultor que a fez, somos levados a admirar o que ela representa e os sentimentos de simplicidade, amizade ou coragem que desperta em nós.

¹³⁹ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 196.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 203.

Quantas pessoas, ao contemplarem uma imagem de Cristo na cruz, sentem um alívio para os seus sofrimentos ou coragem para ultrapassar os seus problemas:

“A filosofia, que por si mesma já é capaz de reconhecer a necessidade do homem se transcender continuamente na busca da verdade, pode, ajudada pela fé, abrir-se para, na «loucura» da cruz, acolher como genuína a crítica a quantos se iludem de possuir a verdade, encalhando-a nas sirtes dum sistema próprio”¹⁴¹.

Neste âmbito, a cruz ajudará o cristão a superar-se a si próprio e ainda a aumentar os seus sentimentos de solidariedade e compaixão para com o próximo. As catorze estações da via-sacra, ao serem contempladas, podem atenuar no cristão a sua sensação de solidão e abandono. Poderiam ensinar-lhe a verdadeira forma de encontrar lenitivo para as suas aflições e sofrimentos, ao mesmo tempo que o levariam a reconhecer-se na dor e sofrimento de outros seres, que passaria a ser para ele tão importante como a sua própria dor. Também eles são seres inseguros e imperfeitos e anseiam por amor e perdão.

Assim como o orador deve proferir frases-chave, que choquem as pessoas para as levar a estarem atentas, também o artista não deve pintar cenas sem talento e imaginação, mas sim encontrar novas formas de chamar à atenção para ideais fundamentais a que a obra apela. A arte, quando bem conseguida, tem a finalidade de levar o indivíduo que a aprecia a querer assemelhar a sua vida com a representação. Há outra missão para a arte, a de representar virtudes e vícios e levar o ser humano a recordar-se do que é importante e possivelmente esquecido. Porém os arquitectos e pintores, na antiguidade, eram um pouco coarctados na sua liberdade de expressão pela igreja que, através dos seus teólogos e doutores, decidia os temas importantes a tratar. A nossa arte só ganharia com uma colaboração entre pensadores e executores de imagens, por poder reunir as melhores ideias com as expressões mais elevadas.

A arte religiosa, tanto cristã como budista, tem o condão de nos recordar noções importantes que nos entram pelos sentidos. Por exemplo a igreja Santa Maria gloriosa Dei Frari, em Veneza, possui uma quantidade de obras destinadas a reequilibrar as nossas almas. As obras que lá existem (esculturas, quadros, estruturas metálicas e vitrais) estão ordenadas de forma coerente, de modo a produzir no visitante um impacto que, além de elevar a sua alma, diga algo sobre as pessoas que as produziram. A arte secular não tem estas características, nem esta organização.

¹⁴¹ FR, 23.

“Os museus têm de ser mais do que espaços para expor objectos belos. Devem ser lugares que usam objectos belos para tentar tornar-nos bons e sábios. Só então os museus poderão afirmar que cumpriram devidamente a nobre mas ainda elusiva ambição de se tornarem as novas igrejas”¹⁴².

A maior parte da nossa arquitectura também não obedece a critérios nem a regras que impeçam a produção de paisagens que ofendem o olhar de quem passa. Neste sentido, podemos apelidar o mundo moderno de protestante, pois ele tinha a convicção de que bastava a palavra escrita, e não a arquitectura, para nos conduzir a Deus. “O que importava para os protestantes era a palavra escrita. Isto, e não a arquitectura elaborada, seria suficiente para nos conduzir a Deus”¹⁴³. Há uma diferença muito grande entre a arquitectura destes dois ramos do cristianismo: enquanto o catolicismo defendia que a boa arquitectura nos leva a ser bons, o protestantismo estava convicto de que a mesma nos distrai do fundamental, que podia estar apenas escrito.

O catolicismo defendia o respeito pela beleza arquitectónica, que pode inspirar virtudes como a inteligência, a bondade, a justiça, a confiança e o amor e ajudar-nos a concretizá-las ou a vivê-las nas nossas vidas.

“A literatura e as artes são também, segundo a maneira que lhes é própria, de grande importância para a vida da igreja. Procuram elas dar expressão à natureza do homem, aos seus problemas e à experiência das suas tentativas para conhecer-se e aperfeiçoar-se a si mesmo e ao mundo; e tentam identificar a sua situação na história e no universo, dar a conhecer as suas misérias e alegrias, necessidades e energias, e desvendar um futuro melhor”¹⁴⁴.

Na sua psicologia, o catolicismo compreendia que somos também influenciados pelas imagens que entram pelos nossos olhos dentro: positivas ou negativas. Há igrejas em que encontramos um ambiente próprio para nos consciencializarmos da nossa pequenez, sem nos sentirmos humilhados ou diminuídos. Nos tempos que correm precisaríamos de um templo dedicado à reflexão ou mais propriamente à concentração. O mundo moderno comporta formas de nos distrair e nos dispersar cada vez maiores. Faltam-nos momentos de silêncio e de contemplação.

¹⁴² BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, pp. 237-238.

¹⁴³ *Ibid.*, pp. 242-245.

¹⁴⁴ GS, 62.

“As religiões recomendaram sempre de uma forma convincente que os seus seguidores cumprissem momentos de solidão, por muito desconfortáveis que se sentissem no começo”¹⁴⁵. Os cristãos do tempo medieval percorriam os santuários dedicados a determinados santos de acordo com os seus padecimentos, por exemplo, problemas de dentes, Santa Apolónia, problemas de relações conjugais, Santa Rita de Cássia e outros.

Actualmente também existem alguns lugares, embora não considerados sagrados, mas que possuem rara beleza e riqueza cultural que podem fazer bem às nossas almas. Infelizmente faltam, na nossa sociedade secular, formas de valorizar e marcar estes locais. Aqui voltamos a chamar à atenção para a arquitectura religiosa e para o seu sentido e objectivos. Em paralelo, a arquitectura secular poderia também ter uma função idêntica se obedecesse à mesma regra de contribuir para a tranquilidade e equilíbrio do espírito humano.

6. As vantagens das instituições religiosas perante a sociedade secular

A instituição religiosa foi condenada por ateus e cépticos no século XVIII. O ataque à religião foi feito sobretudo através de livros. Apesar de toda a ênfase colocada nesta campanha, a mesma não surtiu grande efeito porque os seus intervenientes não tiveram em conta que as bases religiosas não estavam apenas nos livros. A grande força religiosa provinha das instituições com as suas regras, edifícios e escolas, rituais, monumentos e calendários. Por outro lado, o ideal do intelectual é o espírito livre, avesso a limitações de qualquer espécie. Apesar de um homem religioso, Kant preconizava também este espírito de liberdade, não sujeito a Deus.

“Embora sendo ele próprio um homem religioso, como era quase inevitável no seu tempo, Kant tentou basear toda uma moralidade no dever pelo dever, e não em função de Deus. O seu famoso imperativo categórico ordena: «Age apenas segundo uma máxima que possas ao mesmo tempo querer que se torne lei universal»”¹⁴⁶.

As estruturas institucionais religiosas possuem as bases próprias para alargarem a sua acção e ideologia a um vasto número de pessoas, pois têm em atenção a psicologia humana, as suas necessidades morais e espirituais e não só, também as necessidades exteriores e físicas. É esta a grande diferença entre a religião e as instituições de carácter secular, as quais são voltadas exclusivamente para o material e físico. Há também o facto das instituições

¹⁴⁵ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 261.

¹⁴⁶ DAWKINS, Richard, *Op. Cit.*, p. 200.

religiosas agregarem um grande número de pessoas. Ora a pessoa, agindo em grupo, tem uma credibilidade e força totalmente diferentes, do que numa acção singular.

“Dentro de uma instituição, todos os membros beneficiam de uma reputação conquistada por antepassados ilustres e reforçada por edifícios elegantes e complexos processos burocráticos. Podem adoptar um título antigo – padre ou arcebispo, professor ou ministro – e usar, para fins genuínos, os recursos e a glória de uma estrutura que é maior e mais duradoura que eles próprios”¹⁴⁷.

As instituições religiosas possuem também marcas e símbolos que as próprias empresas copiaram e adoptaram. Possuem ainda o atendimento individual do confessor que dificilmente será conseguido na sociedade secular pelo terapeuta, apesar de todos os esforços nesse sentido: “Aquele que, a vosso convite, seguiu o chamamento e evitou as faltas – que agora lê em mim, quando as recordo e confesso - não se ria de eu ter sido curado da minha doença por aquele médico”¹⁴⁸. Este método usado pela religião, pela compreensão, paz e serenidade que transmite ao ser humano, dificilmente encontrará algo similar na sociedade secular.

As religiões têm a particularidade de usar métodos de motivação que influenciam a totalidade do ser humano, porque os conhecimentos por elas ministrados não são só transmitidos através de livros, palestras ou jornais, mas também através do que ouvimos, comemos, cantamos ou usamos para decorar as nossas casas. As empresas e instituições de carácter secular só ganhariam em utilizar este tipo de métodos: “As religiões dão dimensão, consistência e significado social a momentos que de outra forma seriam privados, sempre pequenos e fortuitos”¹⁴⁹.

Neste ponto, as instituições religiosas e seculares podiam complementar-se. Em vez de se ver nas instituições religiosas formas de perda de diversidade, qualidade e espontaneidade, poderiam ver-se estruturas de apoio e modos de lembrança que nos são muito úteis. Mesmo os que não têm crenças religiosas precisam do apoio do grupo e de instituições, para sentirem a amizade, a gratidão e transcendência. Os que achavam que o mundo moderno, tão evoluído cientificamente, podia prescindir de Deus sentiram-se defraudados nas suas ideias.

Augusto Comte conseguiu descobrir os aspectos mais relevantes e racionais da religião sem contudo descurar as vantagens e avanços da ciência. Ele procurou formar uma nova

¹⁴⁷ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 277.

¹⁴⁸ SANTO AGOSTINHO, *Confissões de Santo Agostinho*, Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1984, p. 63.

¹⁴⁹ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 290.

religião, tendo em conta que em todos os tipos de inovação seria possível incluir o campo religioso e o campo científico: “É a lógica do absoluto, enquanto o opomos ao relativo: tudo o que não é Deus, é nada ou ser diminuto”¹⁵⁰. Ele pretendia libertar a religião do fanatismo e rituais que achava ultrapassados. Criticou o isolamento e pensamento original, mas também não queria renunciar a toda a sabedoria e riqueza transmitida pelo cristianismo.

Com a sua nova religião, ele procurou combater todos os erros das religiões antigas e incluir a ciência e a técnica ao serviço da mesma. Na sua conjugação religião/sociedade secular ele idealizou um sacerdócio novo, em que os padres seriam casados, totalmente seculares e psicoterapeutas, para poderem ajudar as pessoas em todos os seus problemas e angústias. Também pretendia que houvesse calendários com tempos próprios para celebrações em momentos marcados, significativos de datas especiais, embora diferentes de qualquer outra religião.

O legado de Comte não devia ser totalmente desperdiçado, pois ele tentou dar uma resposta à sociedade atea e procurou criar um apoio institucional para as ideias. Revelou criatividade, tolerância e imaginação. No entanto a sua ideologia não devia ser apelidada de religião. Deste modo facilmente caiu por terra. O que resta é o modo de reconhecer que a sociedade precisa de instituições que ocupem o lugar das religiões, pois as ideias por ele preconizadas só conseguem ter crédito sendo apoiadas por instituições que só as religiões conseguem construir.

Em suma, o ser humano é sempre mais inclinado e sente-se mais tranquilizado em aceitar algo já conhecido e experimentado por ele ou por outros. O mesmo acontece com a maioria das religiões, cuja prática copiámos já dos nossos familiares e amigos. Identificamos aqui lições que podemos colher das religiões e que não encontramos na sociedade secular. Por exemplo:

“como criar sentimentos de comunidade, como promover a bondade, como neutralizar o actual preconceito em relação aos valores comerciais na publicidade, como seleccionar e usar os santos seculares, como repensar as estratégias das universidades e a nossa abordagem à educação cultural, como redesenhar hotéis e *spas*, como melhor reconhecer as nossas necessidades infantis, como renunciar algum do nosso optimismo contraproducente, como alcançar perspectiva através do sublime e dos transcendente, como reorganizar museus, como usar a arquitectura para endear valores – e, por fim como unir os esforços dispersos de indivíduos interessados em cuidar das almas e organizá-los sob a égide de instituições”¹⁵¹.

¹⁵⁰ COMTE-SPONVILLE, André, *Op. Cit.*, p. 187.

¹⁵¹ BOTTON, Alain de, *Op. Cit.*, p. 304.

Através de um simples livro podemos encontrar pistas e pontos de reflexão que apesar de, por vezes, não serem soluções, podem abrir caminho para elas. Constatamos portanto que as religiões podem indicar soluções para os problemas da alma contemporânea, abstraindo-se do contexto sobrenatural. A fé é benéfica para toda a humanidade, incluindo os não crentes ou até os maiores inimigos do transcendente.

III Capítulo – Será que o ateísmo exclui a fé? Será o ateísmo igual a descrença?

1. Uma breve nota sobre o ateísmo

O ateísmo em si não é uma religião, no entanto não pode considerar-se do ponto de vista de uma posição absolutamente anti-religiosa. De facto, da palavra ateu podemos depreender a negação total da existência de Deus. No entanto, alguma bibliografia que vamos citar, dá-nos a entender que o que acabamos de deduzir, não é totalmente verdade, pois daí se percebe que existiram ateus que acreditavam na existência de um ser superior. George Santayana, poeta e filósofo, nascido em Madrid é um exemplo disso:

“Santayana, a pesar de su materialismo, no quiere negar la existencia de Dios sin distinciones ni reservas. Demócrito y Epicuro – nos dice – fueron materialistas y, sin embargo, suponían que los dioses existían. Santayana se coloca en la línea de ambos filósofos que no negaron la existencia de los dioses, pero no le asignaron *dominio* sobre la naturaleza y en este sentido pueden ser llamados ateos. Santayana no es un ateo que niegue toda existencia a Dios, sino un ateo que niega cierta especie de dios que sus críticos están acostumbrados a admitir”¹⁵².

Quase todos os ateus baseiam as suas ideias na convicção de que a ciência e a tecnologia valem tudo e tendem a rejeitar a religião porque a julgam antiquada, tradicionalista e coarctante da liberdade bem como avessa ao progresso.

Nós pensamos que a religião não deve excluir o avanço tecnológico, nem radicar-se apenas única e exclusivamente em tradições e história. Sem negar as suas raízes, mas antes baseando-se nelas, deve também incluir e ter em conta o desenvolvimento científico, pois este normalmente não vai contra a fé, mas antes a afirma e completa. Já Richard Dawkins falando de Einstein nos diz que o mesmo afirma: “a ciência sem a religião é coxa, a religião sem a ciência é cega”¹⁵³.

Também o filósofo Kant nos aponta a razão como não contrária à religião. Ele afirma que a filosofia tem a sua origem na tradição cristã. Estabelece uma relação do ponto de vista da razão, entre a revelação e a religião racional pura. Da sua obra emana uma consciência escrupulosa e um verdadeiro respeito pela religião cristã e ainda “expor abertamente como

¹⁵² SANTOS, Ceferino, “Ateísmo y Naturalismo: G. Santayana”, in: GIRARDI, Giulio (dir.), *Ateísmo Contemporáneo II: El Ateísmo en la Filosofía Contemporánea: corrientes y pensadores*, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972, Vol. II, p. 382.

¹⁵³ DAWKINS, Richard, *Op. Cit.*, p. 40.

creio compreender a união possível da religião com a razão prática, mais pura. O teólogo bíblico não pode, contudo, opor à razão senão uma outra razão ou então a violência”¹⁵⁴.

O ateísmo não exclui o espiritual. O homem é um ser humano e também espiritual com as suas limitações e tendências para o infinito, embora seja, em si mesmo, um ser finito. É um ser imperfeito que tende para a perfeição. “O homem é um ser finito aberto para o infinito, um ser imperfeito que sonha com a perfeição. É o que se chama de espírito, e essa grandeza é tanto maior quanto não ignora sua própria finitude”¹⁵⁵.

O ateísmo, com a sua característica de questionar tudo na procura de verdades do mundo, pode, eventualmente, aproximar-se de Deus pois Ele é divino e também humano, engloba a totalidade do ser. Já Rahner chamava à atenção para esta realidade ao descrever o ateísmo proveniente da secularização afirmando: “o teísmo e o ateísmo podem encontrar-se juntos em qualquer coração humano”¹⁵⁶.

2.Fundamentação da fé

2.1 As raízes da fé

A fé como dom de Deus supõe a abertura do homem a essa gratuitidade divina. Não se trata do imperativo da razão (embora o seu valor não seja de excluir), mas de uma adesão livre e sem preconceitos às verdades reveladas e que podem influenciar toda a vida humana: “A fé não existe, efectivamente, sem a aquiescência à verdade que se manifesta; e a ponderação valorativa da razão não é, de forma alguma, extrínseca ao modo da evidência que lhe é peculiar”¹⁵⁷.

A fé, como verdade libertadora, encontra verdadeiramente resposta em Cristo. É Ele que constitui a verdadeira liberdade do homem, sempre baseada na verdade. A verdade é sempre libertadora, avessa a quaisquer aparências e falsidades. Por isso é que a liberdade do homem deve ser baseada na verdade e, deste modo, ele será libertado de todas as opressões, limitações e coacções quer físicas, quer e sobretudo a nível do seu coração e consciência.

A fé implica respeito e defesa dos direitos e deveres de todos e cada um. Os direitos humanos são algo a ser protegido e defendido essencialmente pelos cristãos. A fé supõe a

¹⁵⁴ MARTINS, Maria Manuela Brito, “A Propósito de I. Kant. Os limites da razão ou a Razão dos limites”, *Humanística e Teologia* 29 (2008) 127.

¹⁵⁵ COMTE-SPONVILLE, André, *Op. Cit.*, p. 91.

¹⁵⁶ DONDEYNE, A. – FRIES, H. – GRUMELI, A. – KOENIG, F. – MARLÉ, R. – MARTY, F. – MIANO, V. – RAHNER, K., *Op. Cit.*, p. 105.

¹⁵⁷ SEQUERI, Pierangelo, *A ideia da fé: tratado de teologia fundamental*, Braga: Editorial Frente e Verso, 2013, p. 81.

justiça e a paz e anda intimamente ligada a estas duas realidades. O verdadeiro cristão será o defensor dos direitos humanos, sobretudo dos daqueles que são mais desfavorecidos ou mais frágeis perante a sociedade. Ele não permitirá que haja violação desses mesmos direitos.

Um dos direitos fundamentais, para além do direito à vida, é o direito à liberdade religiosa. É justo que se defenda algo que o homem tem como mais profundo e mais humano: a sua fé e a sua religião: “Com efeito, até o próprio fenómeno da incredulidade, da a-religiosidade e do ateísmo, como fenómenos humanos, só se compreendem em relação com o fenómeno da religião e da fé”¹⁵⁸.

A fé afirma-se no caminho para a caridade e o amor. A consolidação da fé passa pela adesão plena ao amor redentor de Deus em Cristo. Esse amor vertical, que liga o homem a Deus, expande-se horizontalmente para os outros. Esse amor aos outros nasce espontaneamente no coração daquele que faz uma experiência pessoal do amor de Deus. O que se sente amado por Deus é incapaz de deixar de amar os outros. O verdadeiro cristão abre-se aos outros e emana o dom de Deus ao estabelecer ligação com os outros seres humanos. Dentro deste verdadeiro amor, iluminado por Deus, cabem não só, os mais próximos, os familiares e amigos mas também os inimigos. A fé confirma esta caridade e amor do qual ninguém pode ser excluído, porque Deus é tudo para todos. O mistério de amor por excelência é o mistério da encarnação de Deus em seu filho Jesus.

Na fé e no amor até os erros têm outra dimensão. Estes não provêm do amor, mas sim do seu afastamento. Porém o mal, o pecado, pode ser perdoado porque o homem foi redimido em Cristo. Já dizia Santo Agostinho: “ó Deus tão bom que se passa no homem, para que se regozije mais com a salvação duma alma desesperada e agora livre dum grande perigo, do que se ele sempre tivesse conservado a esperança acerca dela e fosse menor o perigo?”¹⁵⁹. Cristo tem o poder de transformar o mal em bem, a desordem em disciplina, a guerra em paz. Amor ao próximo significa querer bem a todos, desinteressadamente, sem excluir ninguém do seu carinho ou da sua amizade. Se, porventura, houver desentendimentos terão de ser ultrapassados e perdoados mutuamente para que não seja quebrado voluntariamente este elo de ligação.

Viver a fé implica uma atitude de gratidão e de louvor. Se a fé leva o ser humano a acreditar em Deus, em todas as suas obras, na sua bondade, na sua acção sobre os homens, então a atitude do homem deve ser de gratidão e louvor. Ter consciência das suas limitações, bem como da onipotência do transcendente, deve levar a uma atitude de gratidão, de atracção, de sedução pelo rosto de ternura de Deus. Esta ternura é do Pai que abraça, que

¹⁵⁸ RH, 17.

¹⁵⁹ SANTO AGOSTINHO, *Op. Cit.*, p. 188.

acarinha, que sente e pressente as fragilidades, as limitações do ser humano e que o olha com carinho infinito, de braços abertos, pronto para o compreender, perdoar e aceitar. O exemplo mais evidente deste amor é referido na parábola do filho pródigo: “... Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado”¹⁶⁰.

2.2 Fé e razão

Já desde os primeiros tempos os filósofos clássicos tiveram o cuidado de aperfeiçoar a concepção que os homens tinham de Deus. Neste sentido, para além de se basearem unicamente nos mitos antigos, procuraram fundamentar a sua crença religiosa na razão. Deste modo, perderam terreno as superstições antigas para dar lugar a uma purificação da crença e a um diálogo entre os filósofos e os padres da Igreja, que preparou o caminho para a compreensão e anúncio do Deus cristão:

“Os pais da filosofia tiveram por missão mostrar a ligação entre a razão e a religião. Estendendo o olhar para os princípios universais, deixaram de contentar-se com os mitos antigos e procuraram dar fundamento racional à sua crença na divindade”¹⁶¹.

A fé supõe uma adesão livre e voluntária a uma realidade transcendente. Essa adesão contempla a pessoa no seu todo: inteligência, sentimento e vontade. Trata-se de uma opção totalmente livre baseada em alguma coisa que nos atrai: “Em último caso, fé é fazer nossa a atracção com que a verdade pessoal de Deus nos move para Ele”¹⁶².

Deus não é um ser visível, crer não é ver. Porém, o acreditar em Deus não deixa de poder ser inteligível, pois ser inteligível é ter na inteligência algo anteriormente apreendido. Acreditar é o mesmo que não ver, porque a realidade em que acreditamos, pode estar impressa no nosso intelecto de várias formas, de acordo com um ou os vários sentidos que a captaram. O que não se vê não é obrigatoriamente irracional, embora possa estar presente, de alguma maneira, no nosso intelecto. O aforismo popular que diz (a fé é cega), não é totalmente verdadeiro, pois a mesma contém sempre alguma presença do real. É preciso reflectirmos sobre a verdade e a realidade da presença de Deus em nós. Essa reflexão pode levar-nos a afirmar que o conhecimento de Deus torna a fé possível.

¹⁶⁰ Lc 15, 32.

¹⁶¹ FR, 36.

¹⁶² TEIXEIRA, João António Pinheiro, *Op. Cit.*, p. 180.

A interpretação dos textos da sagrada escritura deve comportar uma interligação entre fé e razão. Se for vista apenas do lado da fé, arrisca-se a ser uma interpretação fundamentalista. Se for do lado da razão, tornar-se-á racionalista. Do equilíbrio entre as duas surgirá uma interpretação mais correcta e fidedigna: “A unidade dos dois níveis do trabalho interpretativo da Sagrada Escritura pressupõe, em última análise, uma harmonia entre a fé e a razão”¹⁶³.

O desejo de conhecer é uma característica de todo o ser humano. Segundo a bíblia existe uma unidade profunda entre o conhecimento da razão e da fé. Os dois conhecimentos complementam-se e cada um implica o outro. Pelo intelecto e pelo raciocínio o homem procura delinear o caminho a percorrer. Mas esse percurso será tanto mais fácil, quanto a sua reflexão for centrada no âmbito da fé. É por este motivo que a razão e a fé não se podem separar, são ambas necessárias para o conhecimento do homem, do mundo e de Deus.

O conhecimento do homem por si próprio é sempre inacabado, pode prolongar-se por toda a vida do ser humano. Nunca será apenas única e exclusivamente conseguido pelo próprio, mas basear-se-á na transcendência divina que, com todo o seu amor, governa o mundo. Raciocinando sobre a natureza, podemos chegar ao criador. “ Se o homem, com a sua inteligência, não chega a reconhecer Deus como criador de tudo, isso fica-se a dever não tanto à falta de um meio adequado, como sobretudo ao obstáculo interposto pela sua vontade livre e pelo seu pecado”¹⁶⁴.

O que despreza o conhecimento que nos vem da natureza é considerado insensato, pois é através da criação e das criaturas que podemos chegar ao criador. É pela razão que o homem chega ao conhecimento da verdade, mas essa verdade, quando iluminada pela fé, ganha um novo sentido e maior profundidade. São Paulo, na Carta aos Romanos, no primeiro capítulo, leva-nos a perceber qual a importância da reflexão e entendimento dos livros sapienciais. O Livro da Sabedoria leva ao conhecimento da verdade, através do raciocínio. Da mesma forma o Livro dos Provérbios. É, com efeito, através das criaturas, que Deus dá a conhecer, pela razão, o seu poder, a sua divindade. É raciocinando através dos dados dos sentidos, que o homem pode chegar à causa que está na origem de toda a realidade sensível.

Em termos filosóficos podemos dizer que reside aqui a capacidade metafísica do homem. Em todo o homem existe o desejo de saber, uma ânsia profunda e um interesse em descobrir a realidade das coisas, a sua origem. É ele o único ser capaz de pensar e discernir sobre o que é falso e o que é verdadeiro, podendo fazer um juízo próprio sobre a realidade das coisas, depois de investigada a verdade. É esta capacidade, posta em prática, que conduz ao progresso da humanidade: “Em toda a criação visível, o homem é o único ser que é capaz não

¹⁶³ VD, 36.

¹⁶⁴ FR, 19.

só de saber, mas também de saber que sabe, e por isso se interessa pela verdade real daquilo que vê”¹⁶⁵.

Há no homem o direito de conhecer a verdade, mas com isto surge também a obrigação moral de, ao conhecê-la, dever aderir a ela. Sendo assim há-de haver uma escolha de valores que sejam verdadeiros, que possam contribuir para a realização e aperfeiçoamento da pessoa. É abrindo-se à verdade destes valores, incluindo a abertura ao transcendente, que o homem pode crescer e afirmar-se como pessoa madura e realizada.

O ser humano não foi criado para viver sozinho. Nasce inserido numa sociedade restrita (família) e depois alargada (sociedade, trabalho). Desta sociedade recebe já uma herança de crenças e tradições. Essa herança vai-se enriquecendo à custa da sua pesquisa pessoal. Esta pesquisa implica um pensamento crítico, o pôr em dúvida determinadas verdades, avaliá-las antes de as assumir. Este percurso faz parte do crescimento humano.

Este trabalho pessoal na busca da verdade não invalida o acreditar em conhecimentos adquiridos por outras pessoas. A fé cristã vem ajudar o homem nesta ânsia da busca da verdade, por si ou por outros. A verdade, que é revelada por Deus em Jesus Cristo, não vai contra as verdades encontradas pelos filósofos antigos. As duas não se contradizem, antes se completam:

“A revelação dá a certeza desta unidade, ao mostrar que Deus criador é também o Deus da história da salvação. Deus que fundamenta e garante o carácter inteligível e racional da ordem natural das coisas, sobre o qual os cientistas se apoiam confiadamente, é o mesmo que se revela como pai de Nosso Senhor Jesus Cristo”¹⁶⁶.

O problema da existência ou não de Deus é um problema de todos os tempos e é uma questão tão importante e vital para o ser humano que afecta a origem da existência humana. Este problema é encarado do ponto de vista dos ateus, como a não existência de um ser superior que comanda todas as coisas; do ponto de vista dos crentes é visto como a existência desse mesmo ser; por outro lado os agnósticos vêem este problema de forma neutra.

Nenhum destes grupos sente verdadeiramente a necessidade de justificar as suas afirmações ou crenças: os teístas vivem a sua crença de uma forma orientada para Deus, sem se dar conta que existe um problema por resolver – a justificação da existência de Deus; os ateus negam a existência de Deus, mas acham que a justificação desta verdade compete aos teístas. Qualquer destes grupos deveria justificar a sua atitude, de uma forma intelectual, pois

¹⁶⁵ FR, 25.

¹⁶⁶ FR, 34.

trata-se de um problema que o homem deve colocar a si mesmo, até pelo simples facto de existir. Deus e o homem andam sempre interligados, de tal modo que não se pode falar de um sem se falar do outro.

Segundo Zubiri, citado por João António Teixeira:

“O crente tem de dar razões da sua crença, e o ateu tem de dar também as razões da sua negação de Deus, assim como o agnóstico tem também de dar as razões da sua a gnose. É que o ateísmo e o agnosticismo não são menos crenças que o teísmo. Os três necessitam de fundamentar a sua atitude porque, em última instância, não basta a firmeza de um estado de crença, sendo também necessária a sua justificação intelectual”¹⁶⁷.

A fé e a razão, pela sua natureza, não são coincidentes uma vez que os mistérios, objecto da revelação, são acessíveis à fé, mas não evidentes para a razão. No entanto a fé, iluminada pela razão, pode obter de Deus uma certa inteligência das verdades teológicas e da argumentação racional do conhecimento acerca das mesmas. Porém, o trabalho da inteligência acerca dos mistérios ligados à fé, continua sempre dentro de uma certa obscuridade, pois existe uma desproporção entre a verdade divina e a possibilidade de compreensão da razão humana. Apesar desta desigualdade entre as duas formas de conhecimento, não se pode dizer que haja uma total divergência entre fé e razão, porque Deus é o único criador da razão e também o mesmo revelador dos mistérios e autor da fé. Nem Deus, nem a verdade podem estar em contradição consigo próprios.

“Apesar da desigualdade que existe entre as duas ordens de conhecimento, há que excluir, porém, a verificabilidade da hipótese de um verdadeiro dissídio entre fé e razão: porque o Deus único é criador da razão, revelador dos mistérios, autor da fé. E Deus não pode contradizer-se a si mesmo, tal como a verdade não pode estar em contradição consigo mesma”¹⁶⁸.

A certeza das verdades reveladas por Deus está sempre ligada ao carácter sobrenatural das mesmas e, portanto, a algo de inacessível para a capacidade racional do homem. Essa certeza só pode ser dada pela graça de Deus, e não unicamente por um acto racional. Ora a razão, como fim último, provém de Deus, portanto possui a possibilidade de uma iluminação natural da mesma. Deste modo, acreditar na revelação divina, não é contrário à razão, mas uma correspondência ao conhecimento do ser divino tanto quanto é possível à inteligência

¹⁶⁷ ZUBIRI, Xavier, *El hombre y Dios*. Madrid: Alianza Editorial, 1994, *apud*: TEIXEIRA, João António Pinheiro, *Op. Cit.*, p. 152.

¹⁶⁸ SEQUERI, Pierangelo, *Op. Cit.*, p. 85.

humana. Assim sendo, a revelação divina é fidedigna e credível, mas a adesão de fé a esta revelação, porém, comporta um espaço de liberdade:

“As verdades reveladas por Deus são certamente verdadeiras. Tal certeza que coincide com a fé está, porém, intimamente ligada ao carácter sobrenatural das verdades reveladas, que são inacessíveis e obscuras para a razão humana. Não pode, pois, ser-lhe proporcionada excepto por obra de uma graça sobrenatural de Deus, da qual não podemos ter uma certeza absoluta de modo racionalmente reflexo”¹⁶⁹.

Deus não tira a liberdade humana. Cada um é livre de aderir ou não às verdades reveladas e até certo ponto inteligíveis. À realidade da consciência cristã é possível dialogar com o crer e o ser religioso, acerca da profundidade da ideia de fé. Esta será criticamente aceite depois de uma hermenêutica do sagrado, à luz da razão, iluminada pela crença no transcendente.

3. Ateísmo e Fé

Após a investigação feita, encontramos razões para deduzir o seguinte: embora o novo ateísmo esteja baseado na crença de que Deus não existe e sendo esta a principal crença a ter em conta, para que outros argumentos funcionem, os novos ateus (Dawkins, Denett, Harris, Stenger) são incapazes de defender e provar esta crença e também ignoram os fenómenos relativos à existência de Deus. Há factos da nossa experiência que só podem ser explicados pela existência de Deus: a racionalidade inerente à nossa experiência do mundo; a nossa vida e capacidade de agir própria; a consciência que temos das coisas e de nós próprios; a capacidade de compreensão; a personalidade humana com o seu pensamento e acção. Estes pressupostos apontam para a existência de uma mente infinita e eterna e, sendo assim, estamos perante uma realidade que nos aponta Deus, como subjacente à nossa experiência. Por outro lado, estamos perante probabilidades e hipóteses que não podem ser negadas sem nos contradizermos.

Quando os ateus afirmam que não há dados para provar a existência de Deus, nós (cristãos) respondemos que só estará salvaguardada a liberdade humana, se tais dados não forem conclusivos. Pelo contrário, a existência de Deus é subjacente a todos os fenómenos. “A abordagem aqui adoptada é que a nossa experiência nos dá todos os dados necessários e

¹⁶⁹*Ibid.*, p. 91.

que só é levado ao ateísmo, desta ou daquela espécie, quem se recusa deliberadamente a «olhar»¹⁷⁰.

A *Gaudium et Spes* ao falar sobre o ateísmo remete para a salvaguarda e o desejo de liberdade e autonomia, por parte do homem, que pode constituir um obstáculo à sua relação com Deus:

“O ateísmo moderno apresenta muitas vezes uma forma sistemática, a qual, prescindindo de outros motivos, leva o desejo de autonomia do homem a um tal grau que constitui um obstáculo a qualquer dependência com relação a Deus. Os que professam tal ateísmo, pretendem que a liberdade consiste em ser o homem o seu próprio fim, autor único e demiurgo da sua história...”¹⁷¹.

A liberdade é algo de inviolável, nomeadamente no que diz respeito à adesão à fé e à prática de uma religião. Na encíclica *Verbum Domini*, Bento XVI defende o respeito pela pessoa no seu direito de escolher livremente a sua própria religião:

“Por isso o sínodo, ao mesmo tempo que promove a colaboração entre os expoentes das diversas religiões, recorda igualmente «a necessidade que seja efectivamente assegurada a todos os crentes a liberdade de professar, privada e publicamente a sua própria religião, e também a liberdade de consciência»¹⁷².

Ao falarmos de liberdade, tocamos num dos pontos mais contestados pelo ateísmo, que costuma ser apontado de uma forma negativa. Como vemos, isto não constitui ponto de divergência entre ateísmo e religião. De facto, a religião promove e defende a liberdade e integridade da pessoa humana em todos os sentidos, até no de uma escolha de qualquer opção religiosa ou não.

Por outro lado o ateísmo defende muito a ciência e a tecnologia colocando-as quase no topo das suas crenças. Não é verdadeira a afirmação de que nenhum cientista competente acredita em Deus. Já Einstein manifestou a sua crença numa mente superior, a par de um poder de raciocínio superior manifesto nas leis da natureza.

O famoso físico teórico Hawking também deixou manifesta a sua crença na existência de Deus, embora com algumas dúvidas e, para além deste, muitos outros.

¹⁷⁰ FLEW, Antony, *Deus (não) existe*, Lisboa: Alêtheia Editores, 2010, p. 140.

¹⁷¹ GS, 20.

¹⁷² VD, 120.

“Mais recentemente, quando lhe perguntaram, durante uma visita a Jerusalém, se acreditava na existência de Deus, diz-se que o famoso físico teórico Stephen Hawking respondeu que realmente «acreditava na existência de um Deus, mas que esta força divina estabelecera as leis da natureza e da física e que depois deixara de exercer controlo sobre o mundo»¹⁷³.

Do mesmo modo, muitos dos grandes cientistas conseguiram estabelecer uma relação directa entre a sua investigação científica e a sua crença numa mente superior, a mente de Deus. Também neste ponto o ateísmo não está tão distante da religião.

Um dos mais famosos ateus contemporâneos Dawkins parece ter tido como pai ideológico Bertrand Russell, que se tornou modelo também para Harris (outro ateu). Relativamente a Russell, a sua filha Katharine Tait testemunha que ele não mostrava qualquer abertura para discutir a existência de Deus. No entanto, ela acredita que toda a sua vida foi uma procura desse Deus para preencher o vazio da sua vida, pois nunca encontrou nada que pudesse preencher esse lugar. Desse testemunho destacamos o seguinte: “algures, no fundo da mente do meu pai, no âmago do seu coração, nas profundezas da sua alma, havia um espaço vazio que fora um dia preenchido por Deus, e ele nunca encontrou uma outra coisa para pôr nesse lugar”¹⁷⁴.

O próprio Russell disse um dia que “nada pode penetrar a solidão de um coração humano, excepto a profunda intensidade daquele género de amor que os mestres religiosos pregaram”¹⁷⁵. Encontramos um paralelo desta afirmação de Russell nas confissões de Santo Agostinho: “No abismo da consciência humana, tenta ele captar o reflexo de Deus extinto pela concupiscência, até a restauração da imagem no novo encontro: «Tu nos fizeste para ti; e o nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Ti»¹⁷⁶.

Há também ateus que, embora não se considerem praticantes, nem adeptos de qualquer religião não dispensam, porém, a importância de uma vida espiritual. Acreditam que o espírito é algo inerente ao ser humano. Este não pode confinar-se apenas ao físico e material, pois como ser total precisa de comunhão, amor, fidelidade. O espírito, neste caso, é algo que corresponde à parte mais elevada do homem e que o faz distinguir dos animais: “Não crer em Deus não é um motivo para nos amputar de uma parte da nossa humanidade – ainda mais essa! Não ter religião não é um motivo para renunciar a toda a vida espiritual”¹⁷⁷.

¹⁷³ FLEW, Antony, *Op. Cit.*, p. 17.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 15.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 15.

¹⁷⁶ SPANNEUT, Michel, *Os Padres da Igreja: séculos IV-VIII*, São Paulo: Edições Loyola, 2002, pp. 204-205.

¹⁷⁷ COMTE-SPONVILLE, André, *Op. Cit.*, p. 127.

Somos seres finitos, abertos ao infinito, virados para a eternidade. Portanto, a ideia de Deus está implícita nas nossas vidas, quer sejamos ou não crentes. Sem essa ideia tudo o que dissermos ou fizermos não faz sentido: “É nesta experiência que se vai desenhando o perfil daquilo que se busca, o que equivale a dizer que sem uma ideia de Deus, todo o discurso seria vazio. Pois quer para O afirmar, quer para O negar, e até para O ignorar, faz falta uma ideia de Deus”¹⁷⁸.

Outro ponto de debate entre cristãos e ateus é a moralidade. Há, neste aspecto, pontos em que os cristãos têm cometido muitos erros, os quais são apontados pelos ateus. Podemos recordar os horrores da religião, que foram tratados no primeiro capítulo. Por sua vez os ateus também têm as suas falhas. Porém há um ponto de acordo entre cristãos e ateus: tanto uns como outros repudiam o mal: “Al mostrar nuestra frustración, en modo algún o queremos mitigar la monstruosidad de los hechos cometidos por Hitler y os nazis. Al contrario, nos proporciona un punto de común acuerdo entre cristianos y ateos acerca del mal”¹⁷⁹.

Antony Flew, considerado ateu durante muitos anos (mais de meio século), passou a acreditar no transcendente. A sua mudança vem da imagem do mundo que emergiu da ciência moderna. Segundo ele,

“ a ciência põe em evidência três dimensões da natureza que apontam para Deus. A primeira é o facto de a natureza obedecer a leis. A segunda é a dimensão da vida, de seres inteligentemente organizados e movidos por propósitos, que surgiu da matéria. A terceira é a própria existência da natureza”¹⁸⁰.

Este filósofo racionalista testemunha ainda que, na sua mudança, não foi influenciado apenas pela ciência, mas por um aprofundamento dos estudos acerca dos argumentos filosóficos clássicos. Aliás, ao mudar a sua estrutura de pensamento, fez uma reavaliação dos dados provindos da natureza, ajudada pela razão.

Dos dados analisados se depreende que mesmo aquele que se considera ateu, não é alheio a qualquer tipo de fé, espiritualidade, ainda que complementada pela razão ou pela ciência. Nem a razão, nem a ciência são antagónicas à religião antes se ajudam mutuamente e se completam na identificação de causas, razões ou origem do ser transcendental ou Mente Superior.

Embora a religião realmente implique fé, a religião não é apenas fé. Os acontecimentos são também muito importantes para todas as religiões, porque todas as visões religiosas

¹⁷⁸ ZUBIRI, Xavier, *Op. Cit.*, p. 130, *apud*: TEIXEIRA, João António Pinheiro, *Op. Cit.*, p. 163.

¹⁷⁹ HAHN, Scott – WIKER, Benjamin, *Op. Cit.*, p. 121.

¹⁸⁰ FLEW, *Op. Cit.*, pp. 83-84.

mundiais fazem afirmações que poderemos considerar verdadeiras e muitas dessas afirmações podem ser avaliadas, por meio da investigação científica e histórica. No entanto, nem todas as afirmações religiosas estão abertas à investigação. Algumas são dogmas impossíveis de serem verificados, mas a maioria é compatível com a reavaliação através da investigação científica.

4. Não-crença e espiritualidade não-confessional: religião sem Deus?

Não há forma de negar as crenças do ser humano, até mesmo os cépticos acreditam, pois crêem que o cepticismo é verdadeiro. Os ateus, que são naturalmente cépticos em relação ao cristianismo, são verdadeiros crentes relativamente ao ateísmo.

Apesar da sua crença é difícil para um ateu apresentar razões para a não existência de Deus, pois “é o crente, e não o não crente que realiza todas as dimensões do ser humano completo”¹⁸¹.

Na Bíblia, mais propriamente no Livro dos Salmos, numa exortação ao director do coro de David, Deus condena o insensato e os que não acreditam.

“O insensato diz em seu coração: «Não há Deus!» Corruptas e abomináveis são as suas acções; não há quem faça o bem. Do céu o Senhor olhou para os seres humanos, a ver se havia alguém sensato, alguém que ainda procura Deus. Mas todos se extraviaram e corromperam; não há quem faça o bem, nem um sequer!”¹⁸².

Dawkins, como já foi dito, um grande homem do ateísmo, considera que para lá do imaterial, existe o nada. Ou seja, os anjos, que são seres que estão para lá da matéria, são o nada: “Falar de existências imateriais é o mesmo que falar de nada. Dizer que a alma humana, os anjos e Deus são imateriais é o mesmo que dizer que eles são nada, ou então que não existe Deus, nem anjos, nem alma”¹⁸³. Há autores que, ao questionar a existência de Deus, afirmam que, se ele existir, há-de mais depressa aprovar a razão e a ciência do que o medo.

Há autores que entendem o ateísmo, não como uma negação de Deus, mas da sua transcendência, a sua personalidade. No entanto, quer se acredite ou não em Deus, no sobrenatural ou no sagrado, teremos ainda que nos confrontar com o infinito, a eternidade e o

¹⁸¹ DONDEYNE, A. – FRIES, H. – GRUMELLI, A. – KOENIG, F. – MARLÉ, R. – MARTY, F. – MIANE, V. – RAHNER, K., *Op. Cit.*, p. 105.

¹⁸² SI 14, 1-3

¹⁸³ DAWKINS, Richard, *Op. Cit.*, p. 68.

absoluto e conosco mesmos, com a nossa natureza e com a nossa própria finitude transitória e relativa. O espírito também faz parte desta natureza. O não crer em Deus não significa renunciar à natureza humana, assim como não ter religião não é motivo para renunciar à vida espiritual: “ Ser ateu não é negar a existência do absoluto; é negar a sua transcendência, a sua espiritualidade, a sua personalidade – é negar que o absoluto seja Deus. Mas não ser Deus não é não ser nada! Se não, o que seríamos, e o que seria o mundo”¹⁸⁴.

Crer na não existência de Deus, não é uma verdade absolutamente sustentável. Mesmo os que a defendem, os ateus, nem todos e nem sempre conseguem admiti-lo como verdade absoluta. Há até, entre alguns deles, uma certa dúvida. As suas opiniões chegam a ser contraditórias, segundo alguns autores.

Por outro lado, os cristãos têm o cristianismo como totalmente verdadeiro, mas é necessário também que o mesmo consiga servir de mediador no meio das contradições e conflitos da nossa sociedade:

“En efecto, esta propuesta fue una oferta sugerente en relación a la pregunta que tiene sus raíces en la convicción de que el cristianismo es verdadero y es lo que quiere ser, solamente si es capaz de mediar de una manera significativa su papel fundamental en el interior mismo de las contradicciones y de los conflictos de nuestra sociedad”¹⁸⁵.

Apesar de todos os obstáculos da razão, da emoção e da vontade interessa referir que não é só e, sobretudo, a crença no cristianismo que é difícil, mas também noutras religiões. Todas as religiões implicam crença.

5. Crença e descrença

5.1 Crença

A crença supõe algo em geral e não só as verdades religiosas. A validade de muitas crenças, e aqui referimo-nos ao estritamente religioso, pode ser verificada. Para isso é necessário fazer uma ampla investigação e, sobretudo, mente aberta, livre de fanatismos ou fundamentalismos.

Podemos, por exemplo, referir-nos a verdades dogmáticas bastante evidentes e comprovadas com factos históricos: Cristo nasceu, teve uma humanidade igual à nossa, só

¹⁸⁴ COMTE-SPONVILLE, André, *Op. Cit.*, p. 129.

¹⁸⁵ PIÉ-NINOT, Salvador, *La Teología Fundamental*, Salamanca: Secretariado Trinitario, 2009, p. 48.

que muito mais perfeita. Trata-se de um facto histórico e, portanto, verídico e fácil de comprovar. O prólogo de São João é elucidativo deste facto.

“No princípio havia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. No princípio Ele estava em Deus. Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência. Nele é que estava a vida de tudo o que veio a existir. E a vida era a Luz dos homens. A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam”¹⁸⁶.

O ateu pode acusar os crentes no que diz respeito ao problema do mal, da falta de liberdade, da doutrina do inferno, da hipocrisia de muitos cristãos. Algumas destas realidades são mesmo pertinentes, sobretudo o comportamento de muitos “cristãos”, que acaba por ser um contra-senso nas suas vidas e um contra-testemunho para outros.

“ Pelo que os crentes podem ter tido parte não pequena na génese do ateísmo, na medida em que, pela negligência na educação da sua fé, ou por exposições falaciosas da doutrina, ou ainda pelas deficiências da sua vida religiosa, moral e social, se pode dizer que antes esconderam do que revelaram o autêntico rosto de Deus e da religião”¹⁸⁷.

Porém, não há regra sem excepção. A par destes, muitos outros existem que são verdadeiros exemplos de integridade, de verdade, de altruísmo.

Como seres limitados, não podemos ter um tipo de conhecimento que nos dê uma prova absoluta da existência ou não de Deus. No entanto, a nossa crença leva-nos a acreditar, mesmo para além do que está ao alcance da nossa razão. A crença é diferente do estado de dúvida que é irritante e insatisfatório. O estado de crença é calmo pois nos dá uma segurança e estabilidade de vida, por isso o que crê tem possibilidades de ser uma pessoa psicologicamente mais equilibrada.

A maioria das pessoas crê naquilo que lhes foi inculcado na infância. Esta crença deve evoluir à medida que se vão tendo novas experiências e à medida em que o conhecimento se vai alargando. Como a roupa de criança não serve a um adulto, a crença tem de evoluir e amadurecer pelo estudo e pela investigação. É necessário que o ser humano, ao tornar-se adulto, assuma por si próprio, as crenças que lhe foram inculcadas na infância: “Os fiéis leigos

¹⁸⁶ Jo 1, 1-5.

¹⁸⁷ GS, 19.

são chamados a exercer a sua missão profética, que deriva directamente do baptismo, e testemunhar o evangelho na vida diária onde quer que se encontrem”¹⁸⁸.

5.1.1 A dúvida que leva à crença

As nossas crenças influenciam os nossos desejos e determinam as nossas atitudes. O sentimento de crença é indicativo de que existe, na nossa natureza, algum hábito que, de certa forma, determinará as nossas atitudes. “Cada, quando crê, confia nos conhecimentos adquiridos por outras pessoas [...] a crença é muitas vezes mais rica, humanamente do que a simples evidência”¹⁸⁹. A crença, vista nesta perspectiva, pode até aproximar-nos e levar-nos a confiar mais nos outros, iniciando com eles um relacionamento mais estável e íntimo. A dúvida não pode produzir este efeito. Ela produzirá, pelo contrário, um certo desconforto e insatisfação do qual o ser humano pretende libertar-se e chegar ao estado de crença. Somos levados a acreditar exactamente naquilo em que acreditamos, sinal inequívoco de que estamos plenamente ligados à crença. A crença coloca-nos numa posição, de um certo comportamento, quando a ocasião a isso se proporciona. As nossas crenças devem ser tais que guiem as nossas atitudes de forma a alcançar aquilo que desejamos. Quando isso acontece ficamos satisfeitos, quer a crença seja verdadeira ou falsa, embora não ponhamos a hipótese de ela ser falsa: “Está ameaçado, com efeito, o destino do mundo, se não surgirem homens cheios de sabedoria. E é de notar que muitas nações, pobres em bens económicos, mas ricas em sabedoria, podem trazer às outras inapreciável contribuição”¹⁹⁰.

A dúvida provoca a discussão ou o diálogo e destes se pode fazer luz quando encarados de uma forma positiva. Deste modo, a dúvida pode conduzir à crença. Por vezes, o ser humano não quer sequer questionar as suas crenças, com receio de pôr a hipótese da dúvida. Não será esta a melhor forma de fundamentar a crença. É necessário confrontar-se com outros seres que pensam de forma diferente e cujas opiniões podem ser tão válidas como as nossas: “Estou ciente de que é possível atacar os críticos da religião por serem incapazes de reconhecer mérito à fecunda diversidade de tradições e de pontos de vista ditos religiosos”¹⁹¹.

Reconhecemos deste modo o valor da dúvida, como ponto de partida para uma discussão acerca dos diferentes pontos de vista e que pode conduzir a uma crença fundamentada numa forma mais correcta.

¹⁸⁸ VD, 94.

¹⁸⁹ FR, 32.

¹⁹⁰ GS, 15.

¹⁹¹ DAWKINS, Richard, *Op. Cit.*, p. 61.

5.2 Descrença

A pessoa que não acredita, falando do ponto de vista global, pode sentir-se insegura e infeliz por falta de referências na sua vida. Se é um descrente convicto pode ser por pensar ser essa a melhor forma de viver, livre de quaisquer compromissos ou peias. É, porém, muito difícil ser-se totalmente descrente. Toda a existência humana supõe a crença em alguma coisa. Para se negar a crença é preciso acreditar em qualquer outra visão do mundo.

Por outro lado existe o problema da liberdade. O cristianismo supõe a defesa de uma liberdade total da pessoa humana, inclusive a de o rejeitar. Existe nele o respeito pelos descrentes, embora uma não-aceitação da sua descrença:

“Ainda que rejeite inteiramente o ateísmo, todavia a igreja proclama sinceramente que todos os homens, crentes e não-crentes, devem contribuir para a recta construção do mundo no qual vivem em comum. O que não é possível sem um prudente e sincero diálogo. Deplora, por isso, a discriminação que certos governantes introduzem entre crentes e não-crentes, com desconhecimento dos direitos fundamentais da pessoa humana”¹⁹².

A descrença, a que também podemos chamar de obscurecimento da percepção divina, é um argumento filosófico contra a existência de Deus. O ponto de partida para este argumento é o seguinte: se Deus existe, Ele criaria uma situação ideal em que qualquer pessoa com o mínimo de bom senso acreditaria n’Ele. No entanto existem também pessoas sensatas, que são porventura incrédulas relativamente à existência de Deus. Incluem-se neste grupo, em algum momento da sua vida, até mesmo alguns cristãos bem firmes na sua fé e porventura santos.

Aproveitamos para citar uma passagem da vida de Santa Teresinha do Menino Jesus. Num determinado momento da sua vida diz-nos que na sua mente «insinuam-se as reflexões dos piores materialistas». A sua inteligência vê-se acossada por todo o tipo de argumentos contra a fé; parece que a sensação de fé desapareceu; ela sente-se colocada na «pele dos pecadores»¹⁹³. Alguns ateus e não cristãos podem rejeitar o cristianismo, não pelo facto de não haver provas da existência de Deus, mas pela simples razão de quererem rejeitá-lo. Assim como acontece com alguns cristãos, que acreditam só porque as suas crenças lhes foram inculcadas desde a infância e nunca se deram ao trabalho de as questionar.

¹⁹² GS, 21.

¹⁹³ Cf. RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, Cascais: Edição Principia, 2005, pp. 29-30.

O ser humano não consegue abdicar totalmente de crer em alguma coisa. Se não crê em algumas verdades religiosas, pode crer na ciência, na razão, na existência ou em muitas outras coisas.

Ao colocar-se a pergunta *se Deus não existe porquê ser bom* (?), responderíamos que não é preciso ser religioso, nem acreditar em Deus para manifestarmos bondade, compreensão e respeito pelos outros, pois estas qualidades deveriam ser próprias de todo o ser humano que vive em sociedade e que quer respeitar os direitos de cada um

“Parece-me requerer muito pouca auto-estima pensar que, se de repente a fé em Deus desaparecesse do mundo, nos tornaríamos todos hedonistas, insensíveis e egoístas, desprovidos de amabilidade, caridade, generosidade, enfim, de tudo que merecesse o nome de bondade”¹⁹⁴.

6. Ateísmo e descrença?

Tendo em conta que todo o homem crê nalguma coisa, os ateus não podem fugir a esta realidade. Aquele que não crê em Deus, crê que ele não existe. Para aquele que crê, existe sempre a dúvida, pois quase podemos admitir que não há fé perfeita, que não comporte a margem da dúvida. A pessoa crente é continuamente assaltada por tentações de descrença, pois é forçada a viver num mundo tempestuoso de incertezas e de tempestades. Está porém ligada, de maneira definitiva, ao transcendente e, essa ligação é que lhe dá a certeza de não soçobrar.

Do mesmo modo, também o descrente se sente assaltado pela dúvida, acerca da sua incredulidade. Também este poderá sentir tentação e dúvida perante as realidades que a religião proclama e nunca terá certeza se é ele ou não que está certo, ao achar que o mundo é totalmente completo:

“Também existe a dúvida que o incrédulo nutre a respeito da sua incredulidade e da totalidade real do mundo que ele resolveu erigir como o seu tudo. Ele jamais terá a certeza plena da completude de tudo o que viu e que declara ser tudo. Será sempre ameaçado pela pergunta: será que a verdadeira realidade não está na fé e no que ela proclama?”¹⁹⁵.

¹⁹⁴ DAWKINS, Richard, *Op. Cit.*, p. 275.

¹⁹⁵ RATZINGER, Joseph, *Op. Cit.*, pp. 31-32.

Deste modo, não podemos escapar do dilema da existência humana, basta viver para termos que fazer opções. Assim sendo, quem quiser fugir das incertezas da crença, terá que cair nas incertezas da ausência da mesma. Nunca poderá dizer que a crença não é um facto verdadeiro. Será esta a posição do ser humano crente ou não crente diante da questão de Deus. Por mais que o descrente se julgue com razão haverá sempre margem para a dúvida à qual ele não consegue fugir.

Tanto o crente como o descrente se sentirão incapazes de fugir quer à dúvida, quer à crença, pelo simples facto de existirem ou então terão de se esconder de si mesmos e de toda a verdade do seu ser: “O que se busca é sobretudo a verdade da própria pessoa: aquilo que ela é e o que manifesta do seu próprio íntimo”¹⁹⁶. O ser humano não entende que aquilo que ele pode ver, ouvir e tocar é tudo o que lhe diz respeito. No entanto, isto não basta para delimitar o seu mundo, ele procura uma outra forma de acesso à realidade e essa forma é a crença. Nela existe a abertura decisiva para a sua visão do mundo:

“Sendo assim, a palavrinha «creio» encerra em si uma opção fundamental diante da realidade tal como ela é; não constitui uma simples constatação disto ou daquilo, mas sim uma forma básica de relacionamento com o ser, com a existência, com o próprio e com toda a realidade”¹⁹⁷.

Porém o crer naquilo que não é visível é que sustenta toda a realidade do ser humano pois representa a sua espiritualidade. Aquilo que representa a realidade como um todo permite ao ser humano a sua existência verdadeiramente humana. Nesta existência, a crença desempenha um papel fundamental, pois faz parte do ser enquanto ser. Neste sentido, não podemos dizer que o ateísmo seja igual a descrença.

Há pensadores que forneceram argumentos contra a existência de Deus: Humes Nietzsche, Russel e outros. Paralelamente, outros pensadores há, essencialmente na cultura moderna, que discutem a Sua existência: Stephen Hawking, Richard Dawkins, Daniel Dennett, entre outros. Os ateus acham que a existência de Deus não possui argumentos suficientes para ser credível. Os teístas e crentes dizem que a existência de Deus é evidente, à luz natural da razão humana. Segundo as teorias darwinistas, consideradas ateias, a evolução das espécies (teoria evolucionista) substitui Deus através de uma selecção natural das mesmas: “Despidos de uma visão religiosa da vida não seria de estranhar que partissem do princípio de que tudo tem de ser explicado em termos de reducionismo científico”¹⁹⁸.

Há também outras teorias que privilegiam o espírito humano, como a espiritualista. É necessário levantar interrogações e suscitar dúvidas, pois muitos ateus talvez o sejam porque não discutem, não

¹⁹⁶ FR, 32.

¹⁹⁷ RATZINGER, Joseph, *Op. Cit.*, p. 35.

¹⁹⁸ MARCELINO, Américo Joaquim, *Op. Cit.*, p. 17.

se interrogam. Era bom que reflectissem sobre as grandes questões que preocupam o homem de todos os tempos.

Depois de tudo o que investigamos, não podemos afirmar que ateísmo seja igual a descrença. O ateu acreditará sempre em algo, mesmo que seja na não existência de Deus, o que pode ser uma contradição.

Conclusão

Com este trabalho pretendemos, através da investigação, estudar um pouco sobre as religiões em geral, com incidência no cristianismo e também sobre os não crentes, nomeadamente ateus.

Debruçámo-nos ainda sobre a sociedade dum modo abrangente e problemas sociais, quer passados, quer de actualidade.

Tentámos fazer uma abordagem ao problema da secularização em consonância com as religiões e com o ateísmo: convergências e divergências; paralelos e pontos discordantes.

Procurámos fazer um estudo crítico do livro de Alain de Botton, religião para ateus; cujo conteúdo versa precisamente esta linha do nosso estudo. Encontrámos algumas referências que nos permitiram reflectir sobre a relação entre fé e a razão, que podem não ser totalmente antagónicas mas também complementares.

Abordámos ainda, embora muito sucintamente, a problemática da maçonaria e sua possível influência no livro de Alain de Botton. Através do nosso estudo encontrámos alguns itens a ponderar: o ateísmo, com a sua característica de questionar tudo, na procura das verdades do mundo, pode, eventualmente, aproximar-se de Deus pois Ele é divino e também humano, englobando a totalidade do ser.

Ao falar de crença e descrença intuímos que todo o ser humano é, por natureza, crente. De outro modo haveria uma contradição em toda a sua vida, pois a crença em algo ou alguma coisa faz parte do próprio ser ou existir.

Inclui ainda este estudo uma reflexão sobre ciência e religião. Embora haja quem defenda que são antagónicas, também tivemos oportunidade de ver a versão oposta e mais completa da ciência vista pelo religioso, no livro *Dois dedos de conversa sobre o dentro das coisas*:

“Ora, o espírito religioso, tal como o do artista, por exemplo, maravilha-se com o facto de existirem leis, as quais reflectem a ordem e organização do mundo em que vivemos, mas não dispensa o particular, ou seja, debruça-se sobre o real e não sobre uma mera teorização. Olha o todo e não apenas uma parte”¹⁹⁹.

Um dos aspectos que os ateus mais criticam nos crentes é o facto de a religião poder coarctar a liberdade humana. No entanto, nada há que mais torne o homem livre do que o ser religioso, pois a religião, especialmente a cristã, é libertadora.

¹⁹⁹ NOBRE, Bruno – LIND, Pedro, *Op. Cit.*, p. 39

Cristo quebrou todas as cadeias que aprisionavam os pobres, os humilhados, os presos, os enfermos de qualquer tipo de mal. Podem, provavelmente, existir alguns seguidores de Cristo que exerçam um certo tipo de pressão, de vária ordem, sobre os seus subordinados, em termos religiosos. Porém esses não se assemelham ao Mestre. São vítimas de erros que porventura os podem vitimar a si próprios por causa dessa dissemelhança do ideal por excelência:

“Certamente que em nome da fé se fizeram coisas horríveis.

Mas a água cristalina da nascente – que é o cristianismo – não tem culpa que a metam num copo sujo. E ainda que, por absurdo, todos os cristãos fossem no dia-a-dia homens perversos, nem por isso poderia ficar comprometida a mensagem evangélica: - haveríamos de ter paciência para aguardar que a prática fosse conforme à teoria”²⁰⁰.

Em suma, muito mais haveria para referir sobre o assunto em estudo. O tema é vastíssimo, polémico e muito controverso. As opiniões são inúmeras, quer do lado dos crentes, quer do lado dos ateus.

No entanto o estudo foi aliciante, porque permitiu abrir alguns horizontes, aprofundar conhecimentos e reflectir sobre temas pertinentes como é o da fé e o da negação da mesma, que de outro modo dificilmente teríamos oportunidade de rever.

Através do presente trabalho de investigação, apenas conseguimos uma mera abordagem ao tema que nos propusemos estudar: *a religião vista por quem não a tem*.

²⁰⁰ MARCELINO, Américo Joaquim, *Op. Cit.*, p. 162

Bibliografia

• Fontes Bíblicas

– BÍBLIA SAGRADA, Fátima: Difusora Bíblica, 2008⁵.

• Fontes do Magistério da Igreja

– CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja, (Lumen Gentium)*, Braga: Editorial A. O., 1983, pp. 59-164.

– CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, (Gaudium et Spes)*, Braga: Editorial A. O., 1983, pp. 343-418.

– JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Fides et Ratio: aos bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão*, Braga: Editorial Apostolado de Oração, 1998.

– JOÃO PAULO II, *Redemptor Hominis: Primeira Carta Encíclica do Papa*, Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1979³.

– BENTO XVI, *Verbum Domini: Exortação Apostólica de S. S. Bento XVI*, Lisboa: Editora Paulus, 2010.

• Estudos

– BOTTON, Alain de, *Religião para ateus: um guia para não crentes sobre as utilizações da religião*, Alfragide: Edições D. Quixote, 2012¹.

– COMTE-SPONVILLE, André, *O espírito do ateísmo*, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2007¹.

– CURY, Augusto, *Filhos brilhantes, alunos fascinantes*, Cascais: Editora Pergaminho, 2006¹.

– CURY, Augusto, *Nunca desistas dos teus sonhos*, Cascais: Editora Pergaminho, 2005¹.

– CURY, Augusto, *Pais Brilhantes Professores Fascinantes: como formar jovens felizes e inteligentes*, Cascais: Editora Pergaminho, 2006¹².

- D’ASSAC, Jacques Ploncard, *O Segredo da Maçonaria*, Aveiro: Edição TIPAVE, 1984.
- DAWKINS, Richard, *Desilusão de Deus*, Alfragide: Editora Casa das Letras, 2011⁶.
- DONDEYNE, A. – FRIES, H. – GRUMELLI, A. – KOENIG, F. – MARLÉ, R. – MARTY, F. – MIANE, V. – RAHNER, K., *Ateísmo e secularização*, S. Paulo: Edições Paulinas, 1970.
- PACOMIO, L.- ARDUSSO, Fr. – FERRETTI, G. – GHIBERTI, G. – MOIOLI, G. – MOSSO, D. – PIANA G. – SERENTHA, L. (dir.), *Dicionário Teológico Interdisciplinar*, Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982, Vol. I.
- FLEW, Antony, *Deus (não) existe*, Lisboa: Alêtheia Editores, 2010.
- GIRARDI, Giulio, “Introducción”, in: GIRARDI, Giulio (coord.), *El ateísmo contemporáneo I: El ateísmo en la vida en la cultura contemporánea*, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971, Vol. I, Tomo I, pp.25-104.
- GOMES, Vítor Franco, *Cristianismo e Humanismo: Itinerário Teológico de Henri de Lubac*, Porto: UCE (Coleção Humanística e Teológica), 2006.
- HAHN, Scott – WIKER, Benjamin, *Dawkins en observación: una crítica al nuevo ateísmo*, Madrid: Ediciones Rialp, 2011.
- HARRIS, Sam, *O fim da fé: religião terrorismo e o futuro da razão*, Lisboa: Editora Tinta-da-China, 2007.
- HITCHENS, Christopher, *deus não é grande: como a religião envenena tudo*, Lisboa: Edições D. Quixote, 2009.
- HOFFNER, Joseph, *Cristianismo e sociedade: introdução à doutrina social da igreja*, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.
- MARCELINO, Américo, Joaquim *O Julgamento de Deus: Darwinismo, fé e ateísmo*, Lisboa: Livraria Petrony Editores, 2010.
- MARTINS, Maria Manuela Brito, “A Propósito de I. Kant. Os limites da razão ou a Razão dos limites”, *Humanística e Teologia* 29 (2008) 119-138.
- MATOS, Luís de, *A Maçonaria desvendada: reconquistar a tradição*, Sintra: Edições e Actividades Culturais, 2010¹.
- MIANO, Vincenzo, “Ateísmo”, in: PACOMIO, L.- ARDUSSO, Fr. – FERRETTI, G. – GHIBERTI, G. – MOIOLI, G. – MOSSO, D. – PIANA G. – SERENTHA, L. (dir.), *Dicionário Teológico Interdisciplinar*, Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982, Vol. I, pp. 502-521.
- NOBRE, Bruno – LIND, Pedro *Dois dedos de conversa sobre o dentro das coisas: um crente, um ateu e a verdade como provocação*, Braga: Editorial Frente e Verso, 2013.

- PIÉ-NINOT, Salvador, *La Teología Fundamental*, Salamanca: Secretariado Trinitario, 2009.
- PINTO, António Vaz, *Ateísmo e fé, à busca de Deus*, Braga: Editorial Apostolado de Oração, 1997.
- PINTO, J. Barbosa (org.), *Sinopse dos documentos do concílio Vaticano II*, Braga: Editorial do Apostolado de Oração, 1998³.
- RAHNER, Karl, *A eucaristia e os homens de hoje*, Apelação: Edições Paulinas, 1970².
- RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, Cascais: Edição Principia, 2005¹.
- RICCIOTTI, Giuseppe, *Vida de Cristo* (com introdução crítica e ilustrações), Coimbra: Editora Casa do Castelo, 1963.
- SANTO AGOSTINHO, *Confissões de Santo Agostinho*, Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1984.
- SANTOS, Ceferino, “Ateísmo y Naturalismo: G. Santayana”, in: GIRARDI, Giulio (coord.), *Ateísmo Contemporáneo II: El Ateísmo en la Filosofía Contemporánea: corrientes y pensadores*, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972, Volumen II, pp. 381-391.
- SEQUERI, Pierangelo, *A ideia da fé: tratado de teologia fundamental*, Braga: Editorial Frente e Verso, 2013.
- SILVA, Francisco Ribeiro, “Maçonaria e o liberalismo no Porto”, in: LÁZARO, Pedro Álvarez (coord.), *Maçonaria, Igreja e Liberalismo. (Actas da) Semana de Estudos da Faculdade de Teologia – Porto*, Porto/Madrid: Fundação Eng.º António de Almeida e UCP – Porto/ Universidad Pontificia de Comillas, 1996, pp. 17-27.
- SPANNEUT, Michel, *Os Padres da Igreja: séculos IV-VIII*, São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- TEIXEIRA, João António Pinheiro, *A finitude do infinito: o itinerário teológico do homem em Xavier Zubiri*, Lisboa: UCE, 2007.
- VILELA, António, José, *Segredos da Maçonaria Portuguesa*, Lisboa: Editora Esfera dos livros, 2013².

Índice

Siglário	0
Introdução	2
I Capítulo - A proximidade entre o aparentemente distante: Ateísmo e religião	4
1. Uma breve contextualização do fenómeno ateuista	4
1.1 Ateísmo contemporâneo.....	5
1.2 Formas fundamentais do ateísmo	8
1.3 Problemas suscitados pelo ateísmo contemporâneo.....	9
1.4 Uma resposta cristã	11
2. Novo Ateísmo	12
2.1 Uma teologia cristã perante o novo ateísmo	14
2.2 Alguns horrores da religião	15
2.3 O darwinismo como ponto de partida para o novo ateísmo	20
2.4 Uma análise cristã ao ateísmo pós-moderno	20
3. Na perspectiva de Alain de Botton, há uma religião atea ou uma crítica à secularização?.....	24
3.1 Uma nota sobre a secularização	24
3.2 Será o ateísmo uma religião?	27
3.3 Religião atea ou crítica à secularização.....	29
4. A possibilidade de uma influência maçónica na obra <i>Religião para Ateus</i>	30
4.1 Uma breve resenha acerca da Maçonaria	30
4.2 Maçonaria e a Religião.....	32
4.3 Influência da Maçonaria?	33
Capítulo II – Análise crítica à obra <i>Religião para Ateus</i>	36
1. Cultura experiencial	36
2. Viver em comunidade	37
2.1 Dificuldades de uma vida em comunidade.....	37
2.2 Pedir perdão.....	38
2.3 O contexto social em que se insere a ideia de comunidade.....	39
3. Formas de educar: religião/secularidade	42
3.1 Como a educação religiosa pode influenciar a sociedade	42
3.2 Educar para o conhecimento	45
4. Superar o pessimismo.....	46
5. A arte: secularidade/religião.....	49
6. As vantagens das instituições religiosas perante a sociedade secular	52
III Capítulo – Será que o ateísmo exclui a fé? Será o ateísmo igual a descrença?.....	56
1. Uma breve nota sobre o ateísmo	56

2.Fundamentação da fé.....	57
2.1 As raízes da fé	57
2.2 Fé e razão	59
3.Ateísmo e Fé	63
4. Não-crença e espiritualidade não-confessional: religião sem Deus?	67
5. Crença e descrença.....	68
5.1 Crença	68
5.2 Descrença	71
6. Ateísmo e descrença?	72
Conclusão.....	75
Bibliografia	77
• Fontes Bíblicas.....	77
• Fontes do Magistério da Igreja	77
• Estudos.....	77